



ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL

A GRANDE QUARESMA

UM PEQUENO GUIA PARA OS FIÉIS

Buenos Aires

2020

INTRODUÇÃO:

A instituição da Santa e Grande Quaresma

Existem instituições e símbolos adotados por nações, igrejas ou grupos humanos que representam certos ideais acumulados no passado e estendem-se ao presente por seu valor. Essas instituições, ou seja, experiências e preceitos reconhecidos como autoridade, e seus respectivos símbolos representam as percepções, crenças, experiências e sentimentos daqueles que as criaram ou adotaram, muitas vezes através da luta e do sacrifício.

Na vida da Igreja de Cristo há muitas instituições criadas e mantidas para atender às necessidades – sobretudo espirituais – dos membros de seu corpo místico. Uma dessas instituições é a Grande Quaresma, que faz parte do ciclo anual da vida da Igreja, imediatamente antes da Páscoa.

A Quaresma é o período de tempo para o autoexame do crente, para seu autoconhecimento; para vestir a armadura espiritual da Igreja militante; para a aplicação das riquezas da oração e esmolas; adotar profundamente o significado de arrependimento - *metanoia*; para a expiação e a reconciliação com Deus Todo-Poderoso e com o próximo: é um tempo propício - *καιρός* - para o amor desinteressado e pleno ou, ao menos, para que coloquemos todas as nossas forças e condições, superando nossas fraquezas, para colocá-lo em prática.

Este longo período antes da grande festa da Páscoa é chamado pela Igreja Ortodoxa, *Quaresma* - *Τεσσαρακοστή* - que vem da palavra quarenta, referindo-se aos 40 dias de jejum. Este período de 40 dias da Quaresma é um período de "abstinência" de alimentos, mas principalmente de nossas "iniquidades" pessoais. A abstinência alimentar é apenas um meio de alcançar a virtude; não é um fim em si mesmo. Durante o período de jejum, faz-se um propósito especial de avaliar sua identidade, vocação e missão como cristão; para escutar a voz do Evangelho e prestar ouvidos aos seus mandamentos; para aceitar o incessante convite para que entremos no Reino de Cristo.

É um convite aberto a todos que se dispõem a entrar: tanto aos que creem em Cristo e se arrependem de seus pecados, quanto aos que ignoram ou renegam diretamente a Cristo. Para alcançar isso - o que deveria ser

uma preocupação ao longo de todo ano - a Igreja Cristã, que desfruta de muitos anos de experiência - e de acordo com a natureza do homem - instituiu certos dias de oração e jejum como degraus de uma escada para ajudar aqueles que precisam de orientação para chegar ao cume espiritual. Todas essas medidas devem ter um verdadeiro significado pessoal, evitando tornar-se um mero costume e rotina. O jejum abrange toda a vida piedosa do cristão, como Cristo proclamou, e simboliza uma profunda aceitação de sua exortação para "*arrepender-se*".

Durante o período da Grande Quaresma, o despertar do espírito do homem se dá por meio da inspiração de Jesus Cristo. É um momento de *autoexame, autoconhecimento* e preparação, e para fazer um inventário da vida interior da pessoa. Evidentemente, Cristo conhece a sua exata condição. É quando a pessoa se vê no espelho do evangelho tal como verdadeiramente é. Em seguida, deve encontrar os meios e formas de corrigir e melhorar a si mesmo. A Quaresma é um período de tempo durante o qual se aprofunda com a luz do Espírito Santo, a fim de libertar-se dos obstáculos que o impedem de avançar na vida espiritual. É um período em que se fortalece a fé com mais oração e vida devocional.

Examinemos, pois, o significado do jejum, que se tornou uma instituição da Igreja. O jejum significa abstinência total de alimento, como a palavra grega original, na Bíblia -νηστεία- significa literalmente. No entanto, a palavra jejum hoje é usada para seleção de alimentos e uma limitação de sua quantidade.

Jejum também pode significar comer, uma vez por dia, pão, água e sal, após o pôr do sol.

Embora o período da Quaresma diga respeito à função do ser humano como um todo para que possa alcançar o arrependimento, o autoconhecimento, a esmola, a relação com as pessoas com as quais se discorda, as atitudes em relação à vida etc., a abstinência de alimentos desempenha um papel vital na vida do cristão. A quantidade e o tipo de alimento selecionados para este período ajudam a fortalecer a vontade e, assim, controlar os desejos carnis e desenvolver uma disciplina espiritual saudável e uma vida pura. O jejum de alimentos não é uma atividade virtuosa em si, mas um meio de realização da virtude. No entanto, tem um lugar particular na vida dos cristãos, especialmente durante a Grande Quaresma.

O jejum

Pode-se perguntar qual a origem da instituição do jejum. Foi uma tradição transmitida pelos apóstolos? Foi determinado como tal pela Igreja primitiva? A duração do jejum foi estabelecida desde o início? Essas e outras perguntas requerem respostas.

O jejum antes da Páscoa não foi determinado pela Igreja primitiva, como tal, seja em dias específicos ou para certos alimentos. No Novo Testamento, a palavra para jejum – νηστεία – significa abstinência por completo de alimentos, originalmente, um costume praticado pelos judeus, embora não fosse uma exigência oficial da religião.

O bispo Irineu de Lyon escreveu uma carta ao Bispo de Roma especificando que há uma grande diferença sobre a duração do jejum antes da Páscoa. Algumas pessoas, escreveu, jejuam por um curto período de um dia, outras de dois, outras ainda por um período mais longo. Alguns jejuam 40 horas contínuas, dia e noite, todos os alimentos (Eusébio de Cesareia, História Eclesiástica, 524, 12). Tertulliano, um escritor eclesiástico do século III, refere-se à abstinência alimentar por dois dias, na sexta-feira e no sábado. Alguns dos primeiros cristãos abstinham-se dos alimentos durante todo o dia e comiam apenas à noite, enquanto outros não comiam nada, dia ou noite, assim como aqueles que jejuavam por 40 horas. Em meados do século III, outros cristãos estenderam o período de jejum de dois dias para uma semana: *"Mas a todos foi permitido estender o comprimento do jejum pelo tempo que quisessem. Portanto, esses cristãos acrescentaram horas e dias de jejum de livre e espontânea vontade, além da duração habitual do tempo"* (Dionísio de Alexandria, PG Migne 10, 1278).

Evolução da prática do jejum

Com o passar dos tempos, os dias de jejum aumentaram para sete antes da festa da Páscoa. Esses cristãos comiam durante as noites, e apenas pão, sal e água, como registrado por Epifânios em 403. A diferença na contagem de horas de jejum deveu-se ao resultado de diferentes cálculos do tempo da Ressurreição de Cristo de acordo com os Evangelhos (Mateus 28:1, antes da meia-noite; João 20:1, depois da meia-noite; Marcos 16:2, ao amanhecer). O período de jejum antes da Páscoa foi estendido para 40 dias sem evidências substanciais de qualquer imposição da Igreja. O fato é que os 40 dias de jejum eram conhecidos pelos Pais do Primeiro Concílio

Ecumênico (325). Santo Agostinho, durante o século V, atribuiu o longo período de 40 dias a perseguições. Outros referem-se ao exemplo do jejum de Cristo por 40 dias no deserto (Mateus 4:2); ou Moisés (Êxodo 34:28), ou o Profeta Elias (1 Reis 19: 8 - *III Vasilion* LXX) Provavelmente, um período de jejum de 40 dias entre o povo começou durante as perseguições, porque as pessoas se refugiavam em monastérios e seguiram a ordem de abstinência dos monges, que era muito rigorosa. Além disso, eremitas e outras pessoas piedosas mantinham um período de jejum de 40 dias durante meados do século III, e isso foi transmitido para os leigos mais simples. Na realidade, a prática de 40 dias de jejum antes da Páscoa não era uma prática simultânea em todos os países cristãos, mas num processo gradual. Como dito anteriormente, o jejum como tal, foi praticado pelo povo no início da Era Cristã por apenas dois ou três dias por semana, às quartas e sextas-feiras e, em alguns lugares, no sábado (no Oriente).

Com o passar do tempo, foi ocorrendo um aumento gradual no número de semanas. No entanto, entre o Oriente e o Ocidente o número de semanas de Quaresma não coincidia, com sete semanas estabelecidas no Oriente e seis no Ocidente, em meados do século VI. A razão da diferença no número de semanas entre Oriente e Ocidente se deu porque no Ocidente o sábado era considerado um dia de jejum, juntamente com quarta e sexta-feira, enquanto que no Oriente o sábado não era considerado um dia de jejum, exceto o Sábado da Semana Santa, de acordo com os cânones da Igreja (Cânon 66 dos Pais Apostólicos; Cânon 55A do Sexto Sínodo Ecumênico em 692; Cânon 18, Sínodo gangra em 340-370). A adição do Sábado pela Igreja do Ocidente como um dia de jejum diz respeito à ideia de que o corpo de Cristo permaneceu no túmulo naquele dia. Esta inovação do jejum de sábado foi combatida por Tertuliano, Hipólito (escritor eclesiástico) e o bispo Jerônimo.

No entanto, o bispo Inocêncio de Roma (401-417) ratificou o sábado como um dia de jejum, e gradualmente este dia se tornou um dia fixo de jejum no Ocidente. Reprovando esta prática no Ocidente, o bispo de Antioquia Inácio denunciou, em uma carta, este costume (cap. 13). Durante o século VII, o bispo Gregório I de Roma adicionou mais quatro dias antes do início das seis semanas da Quaresma, começando na quarta-feira, conhecida como Quarta-feira de Cinzas. A Igreja do Oriente, por sua vez, acrescentou mais uma semana antes das sete semanas, conhecida como Semana do Queijo (Lacticínios), para completar os 40 dias de jejum na Quaresma antes da Páscoa, com exceção dos sete sábados e oito domingos

que são dias de jejum. A razão para os 40 dias de jejum durante a Grande Quaresma é incerta. Balsamon, famoso canonista do século XII, escreve: *"Há apenas um jejum de quarenta dias, o da Páscoa; mas se as pessoas gostam de manter o jejum semanal para outras festas (...) não deve ser desonrado.* (PG 138,1001).

Embora o jejum de alimentos seja necessário para a boa condição da saúde do cristão, o jejum não é capital em si mesmo: "O jejum foi instituído para o domínio do corpo. Se o corpo, porém, já se encontra em um estado de humildade, enfermidade ou debilidade, deve-se buscar o que lhe faz bem, com comida e bebida que necessita." (Cíon 8 de São Timóteo de Alexandria).

O significado dos dias festivos da Quaresma

A Santa e Grande Quaresma é um período de tempo durante o qual as devemos nos tornar mais conscientes de nosso caráter espiritual. As passagens dos Evangelhos e Epístolas, os Hinos e orações, o espírito da Igreja, tudo neste período buscam ajudar os cristãos a se purificarem espiritualmente através do arrependimento. *"Arrepende-te"*, é a primeira palavra de Jesus Cristo em sua proclamação ao povo, como o epítome (síntese) de seu evangelho. O arrependimento – *metanoia* - é a principal motivação do cristão que atua para libertá-lo do pecado e de si mesmo. O reconhecimento de cada um de seus pecados, seu arrependimento e, finalmente, sua decisão de mudar radicalmente de postura e atitude são os passos do arrependimento. Durante o período da Quaresma o cristão é chamado ao *autoexame*, ao *autoconhecimento*, ao *autocontrole* através do resplendor da ressurreição de Cristo. É por isso que a Igreja instituiu este período de tempo antes desta grande festa.

O jejum, em seu contexto espiritual, é a abstinência de comida, sempre em relação a um evento ou festa de caráter divino-humano. Como já foi convenientemente acentuado, o jejum, em si mesmo, não tem significado na Igreja Cristã, mas um papel concreto na realização das virtudes cristãs. Não deve ser aceito como um mero fardo ou obrigação sem um propósito espiritual. O jejum é entendido como um meio para se alcançar a temperança e a sobriedade, especialmente se está relacionado à prática da oração, devoção e pureza.

Nesse contexto holístico, entende-se também que a prática esteja

relacionada às obras de caridade - dar esmolas aos pobres: *o jejum é, em última análise, uma prática que deve nos fazer amar mais a Deus, ao próximo e a nós mesmos*. As raízes do jejum na Igreja Cristã são encontradas no Antigo Testamento e na tradição judaica, tanto para alguns dias quanto para certos alimentos. Como regra geral, o jejum precede uma festa religiosa. Muitos versículos do Antigo Testamento se referem a isso: *“Assim diz o Senhor dos Exércitos: O jejum do quarto, e o jejum do quinto, e o jejum do sétimo, e o jejum do décimo mês será para a casa de Judá gozo, alegria, e festividades solenes; amai, pois, a verdade e a paz.”* (Zac 8: 18-19)

Dando continuidade à prática do jejum, a Igreja Cristã determinou que o período da Quaresma fosse vinculado a grande festa da Páscoa, como disposto pelo I Concílio Ecumênico, em 325. Vale ressaltar que a Igreja determinou o dia em que a Ressurreição de Cristo deve ser celebrada de acordo com as condições existentes no momento deste evento. Assim sendo, o Concílio observou que *a grande Festa da Páscoa seja celebrada no primeiro domingo após a lua cheia após o equinócio de primavera (21 de março), e sempre após a Páscoa judaica*. Portanto, esta grande festa é uma data móvel no calendário. Da mesma forma, a Grande Quaresma, que depende da data da Páscoa, também é móvel, sendo celebrada cada ano em uma data diferente, dependendo das condições acima.

As quatro semanas anteriores à Grande Quaresma são consideradas preparatórias, precursoras da Quaresma. Essas quatro semanas, juntamente com as oito semanas de Quaresma, são referidas pela Igreja como Triodion, que significa "odes triplas", nome que não tem relação direta com a substância da Quaresma em si mesma. As quatro semanas antes da Quaresma são conhecidas pelo nome de domingo que os precede:

- Domingo do Publicano e do Fariseu (da parábola);
- Domingo do Filho Pródigo (da parábola);
- Domingo da Carne (Juízo Final);
- Domingo do Queijo - Lacticínios (expulsão de Adão do Paraíso)

Da mesma forma, as seis semanas da Grande Quaresma são:

- Primeiro Domingo (Domingo da Ortodoxia);

- Segundo Domingo (São Gregório Palamas);
- Terceiro Domingo (Adoração da Cruz);
- Quarto Domingo (São João Clímaco);
- Quinto Domingo (Santa Maria do Egito);
- Domingo de Ramos - até o Sábado Santo e Domingo de Páscoa.

Durante a Grande Quaresma:

- As Grandes Completas são oficiadas todos os dias;
- Todas as quartas e sextas-feiras a Liturgia dos Dons Pré-santificados;
- Ao entardecer das quatro sextas-feiras consecutivas, cantam-se as "Saudações" –χαίρετισμμοί - a Theotokos e, na quinta sexta-feira canta-se o Hino "Akáthistos".

A - OS DOMINGOS PREPARATÓRIOS

Domingo do Publicano e do Fariseu (Jo 1: 43-52)

Arrogância, orgulho e soberba são a perversão da alma e do espírito do homem; a arma mais poderosa do maligno; a mãe da hipocrisia; o obstáculo do progresso espiritual; a degradação da civilização; o maior inimigo do homem; o oposto de arrependimento; a corrupção da consciência do homem. É por isso que a Igreja estabeleceu o primeiro Domingo de preparação para a aceitação da mensagem da Ressurreição de Cristo, com a parábola do Publicano e do Fariseu. A raiz do mal, do orgulho, deve ser removida e substituída pela virtude da humildade: este é o ensinamento da parábola. O mais elevado grau da soberba humana se manifesta quando se fala a Deus em oração do modo como fez o Fariseu: *"Deus, eu te dou graças"*, apenas como desculpa para listar suas supostas conquistas, comparando-se publicamente a outros que, segundo ele, eram pecadores, dizendo: *"Eu não sou como os outros homens pecadores, nem mesmo como este publicano."* E se exaltou dizendo: *"Jejuo, dou o dízimo"*, o que ele fez. Mas, quanto mais se gabava, ainda mais se condenava através de seu orgulho.

Por outro lado, o Publicano confessou: *"Deus, tem misericórdia de mim, pecador."* O arrependimento do publicano é a base da vida cristã; é a passagem para o Reino; é a restauração da imagem de Deus na alma de sua criatura. A humildade se destaca entre todas as virtudes. Assim, a primeira frase da hinologia do dia diz: *"Não me deixe rezar como o fariseu. Abra para mim as portas do arrependimento."* A combinação de esmola (caridade), oração e piedade, juntamente com o desejo de arrependimento como a do Publicano, é imprescindível na vida de um cristão, e especialmente no período da Grande Quaresma. A atitude do publicano fez dele um bom administrador dos dons divinos.

Domingo do Filho Pródigo (Lc 15: 11-32)

Esta parábola refere-se à prodigalidade do homem em relação aos dons divinos que ele possui. É a consequência da soberba. Prodigalidade é a luxúria e a extravagância que são consumidas na sensualidade. O filho Pródigo é aquele que não pode ser mantido, não pode ser cuidado, cuja vida é dissoluta, que desperdiçou a propriedade de seu pai. A

prodigalidade, então, é a segunda paixão básica à qual o homem está inclinado: *prodigalidade é corrupção. Apesar da caracterização desta parábola, seu tema principal é o caloroso amor paternal do Pai.*

O amor do pai era inabalável e firme para com seu filho pródigo. Seu amor foi manifestado mais no regresso de seu filho do que em sua partida, mesmo que seu filho tenha desperdiçado sua propriedade. No final, no entanto, o filho converteu sua prodigalidade em arrependimento, e este é o *quid* (cerne) da parábola. Este momento transforma o filho pródigo em um filho prudente, expulsando o orgulho com o arrependimento.

Enquanto o filho regressava ao seu pai, ensaiava repetidamente dizer ao encontra-lo: "*Pai, eu pequei contra o céu e contra ti.*" Mas quando, ainda de longe, avistou sua casa paterna, seu pai o viu e, correndo ao seu encontro o abraçou calorosamente. Portanto, o filho sequer teve a oportunidade de repetir ao pai o que vinha ensaiando. Antes, "dá-me", e, agora ao final ele suplica, "faze-me", o que mostra a profundidade do arrependimento e da obediência, fatores desafiadores para um cristão.

Domingo da Carne (Mt 25: 31–46)

É uma forte convicção e fé da Igreja que Cristo virá ao mundo uma segunda vez, não para salvá-lo, mas em "glória" para julgá-lo. Se Deus sabe de antemão o destino de cada ser humano, por que não impede que seus filhos sejam eternamente condenados, pode-se pode questionar. Deus é certamente Amoroso, mas também Justo. O destino do homem realiza-se e cumpre-se na terra, já que, após a morte, não haverá oportunidade de arrependimento para melhorar o estado existencial de cada um. A mente finita do homem não pode compreender o *Amor* infinito de Deus ou sua imensurável *Justiça*. Ao aproximar-se da Quaresma e da Páscoa, o cristão é convidado a corrigir suas faltas através da prática do jejum, da oração e da esmola (caridade), como aponta a passagem do Evangelho do dia. O Juízo Final se dará de acordo com as boas obras de cada pessoa como resultado de sua fé e adoração a Deus. Essas boas obras são dirigidas aos "*pequeninos*", aos necessitados, como diz o próprio Cristo, "*quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim.*", (v. 45). Este domingo é o último dia antes da Quaresma, durante o qual o fiel pode comer carne.

Domingo do Queijo - Lacticínios (Mt 6: 14-21)

O enredo teológico-espiritual deste domingo faz referência à expulsão de Adão do Paraíso. Adão, no Paraíso, abusou de sua liberdade deixando-se persuadir pelo mal ao desobedecer ao mandamento de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. O maligno o convenceu de que, ao fazê-lo, ele saberia mais do que Deus. A Igreja, em sua história, apresenta a condição de Adão fora do Paraíso como consequência direta de seu orgulho e desobediência a Deus. A passagem evangélica do dia refere-se ao modo de orar, jejuar e dar esmolas, e a fazer todas as boas ações. Isso deve ser feito em segredo, sem se vangloriar. A chave de leitura deste domingo foca na condescendência de Deus em relação à debilidade humana: *"Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas"*. (Mt 6: 14-15). Isso é mais do que evidente na oração do Senhor, o *"Pai Nosso"*. A semana antes do Domingo do Queijo e depois do Domingo da Carne é o acréscimo ao período da Grande Quaresma que completa os quarenta dias de jejum (exceto sábados e domingos). A denominação deste Domingo do "Queijo" implica que o jejum desta semana é a transição gradual (porque os lacticínios são permitidos) para comer carne ao rigoroso jejum da Quaresma, que começa no dia seguinte, Segunda-Feira Pura –Καθαρὰ Δευτέρη–, tendo o Primeiro Domingo da Quaresma (Domingo da Ortodoxia) como coroação desta primeira semana de jejum estrito.

B. OS DOMINGOS DA GRANDE QUARESMA

Primeiro Domingo da Quaresma - Domingo da Ortodoxia (Jo 1: 43-52)

Neste domingo é comemorado o retorno dos ícones às igrejas, de acordo com a decisão do Sétimo Conselho Ecumênico (787). A Igreja determinou que essa celebração ocorresse todos os anos durante o Primeiro Domingo da Quaresma, como o Domingo da Ortodoxia, a partir de 11 de março de 843. Neste domingo de cada ano celebra-se com grande esplendor o triunfo da fé ortodoxa sobre a heresia. O ícone de Cristo, segundo São João Damasceno, é uma afirmação clara e uma recordação do fato de sua Encarnação, que é de vital importância para a salvação dos fiéis, uma afirmação que prevalece até hoje na Igreja Ortodoxa. A celebração do

dia inclui a procissão com ícones no interior da igreja, com pompa e reverência. O Domingo da Ortodoxia exorta os fiéis a se dedicarem novamente ao profundo significado de sua fé e a declarar em uníssono: *"Um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos"*.

Segundo Domingo da Quaresma –São Gregório Palamàs (Mc 2: 1-12)

Neste domingo comemora-se São Gregório Palamàs. A Igreja dedica este domingo ao Arcebispo de Tessalônica por sua fé ortodoxa, seu conhecimento teológico, sua vida virtuosa, seus milagres e seus esforços para expor o ensino ortodoxo sobre o tema do Hesicasmo. O Hesicasmo é uma antiga Tradição e sistema místico propagado no Monte Athos pelos monges, segundo a qual se sustenta que o homem é capaz, através de um complexo sistema de práticas ascéticas, de acessar a perfeita tranquilidade do corpo e da mente «ήσυχία» e, nesse estado, ter a visão da luz divina increada, distinguindo real e verdadeiramente entre a essência e as operações de Deus. Gregório tornou-se célebre por seus esforços para expor a diferença entre o ensino correto e ortodoxo e o herético, sobre a capacidade do homem de ascender à participação na luz increada divina.

Terceiro Domingo da Quaresma –Adoração da Cruz (Mc 8: 34-38; 9: 1)

Neste domingo comemoramos a venerável Cruz e a crucificação de Jesus Cristo. A Cruz, como tal, adquire significado e adoração pela crucificação de Cristo sobre ela. Portanto, seja nos hinos e nas orações, entende-se que a cruz sem Cristo não tem sentido ou lugar no cristianismo. A adoração da Cruz no centro da Grande Quaresma lembra aos fiéis sobre a crucificação de Cristo antes de ser celebrada na Sexta-feira Santa. Portanto, as passagens bíblicas e os hinos referem-se à paixão e aos sofrimentos de Jesus Cristo: as passagens lidas hoje atualizam a vocação do cristão para dedicar sua vida a Cristo, porque *"Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me"* (Mc 8:34-35). Estes versículos indicam claramente o tipo de dedicação que o cristão necessita, em três estágios:

1. Renunciar ao seu orgulho e desobediência ao plano de Deus;

2. Tomar a sua cruz pessoal (as dificuldades da vida) com paciência, fé e plena aceitação da vontade de Deus, sem queixar-se do peso do fardo; negar-se a si mesmo e tomar sua cruz leva a:

3. Decisão de seguir Cristo.

Estes três passos voluntários são três elos que não podem ser separados um do outro, uma vez que o principal poder para os realizar é a Graça de Deus, que o homem sempre necessita e invoca. A adoração da Cruz é expressa pelos fiéis através da oração, do jejum, da esmola e do perdão das faltas dos demais. Neste domingo comemora-se a Cruz do Senhor com um serviço especial ao final da Liturgia Divina. No contexto da interpretação quaresmal é a Cruz que nos conduz à ressurreição de Cristo: sem cruz não há sepulcro vazio.

Quarto Domingo da Quaresma - São João Clímaco (Mc 9: 17-31)

Neste domingo, comemora-se São João Clímaco, autor do livro "*A Escada* – κλίμαξ – *do Paraíso*". Este livro contém 30 capítulos, cada um como um degrau para o fiel alcançar uma vida piedosa, cume da vida cristã. O espírito de *metanoia* e devoção a Cristo está presente em todo o conteúdo deste livro, bem como a busca das virtudes monásticas e a luta contra os vícios e as paixões mundanas. São João foi um asceta e escritor sobre a vida espiritual enquanto ocupava a função de abade do Monastério de Monte Sinai. Esses degraus da escada, como compreendido por São João, devem ser praticados – ascendidos – pelos cristãos, especialmente durante este período da Grande Quaresma. Cada movimento que leva ao degrau seguinte da escada é a essência do verdadeiro significado da vida cristã.

Quinto Domingo da Quaresma - Santa Maria do Egito (Mc 10: 32-45)

Neste domingo comemora-se a vida de Santa Maria do Egito, que é um exemplo brilhante de *metanoia* através da oração e do jejum. Tendo vivido no pecado por muitos anos, converteu-se a uma verdadeira vida cristã. Partiu então para o deserto, vivendo lá por muitos anos uma vida ascética e a prática da oração e jejum, no arrependimento de sua antiga

vida no pecado. A hagiografia de Santa Maria ilustra de maneira clara a sua convicção acerca de Cristo, o que acabou por motivar a mudança de sua vida do pecado para a santidade através do arrependimento. Sua compreensão do arrependimento não envolveu uma simples mudança de minúcias em sua vida, mas numa mudança extrema de suas atitudes e pensamentos. A Igreja comemora santa Maria, a egípcia, como um exemplo de quem, reconhecendo seus próprios pecados pode libertar-se da escravidão e do fardo da involução humana. Esse reconhecimento das próprias quedas e erros é essencial para os fiéis durante a Quaresma como meio de autoexame e preparação para uma vida mais virtuosa em antecipação à Crucifixão e Ressurreição de Cristo.

Domingo de Ramos (Jo 12: 12^o-18)

Neste domingo comemora-se a Entrada Triunfal de Jesus Cristo em Jerusalém. Os habitantes de Jerusalém receberam Cristo como rei e, assim, tomaram ramos de palmeiras e saíram ao seu encontro, jogando suas vestes e palmas em seu caminho. O povo presente proclamou a profecia de Zacarias: *"Hosanna, bendito é Aquele que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel!"* (Zacarias 9: 9-13). A celebração da Páscoa judaica trouxe multidões de judeus e prosélitos judeus à Jerusalém. Eles tinham ouvido falar das obras e palavras de Cristo, especialmente da recente ressurreição de Lázaro. Todos os eventos relacionados a Cristo tinham um significado messiânico para os judeus na época. Isso irritou os sumos sacerdotes e fariseus. A Tradição da Igreja de distribuir os ramos de palmas neste domingo baseia-se na ação do povo de estender diante do Senhor os ramos de palmas que, desde então, passou a simbolizar a vitória de Cristo sobre as forças do mal e da morte.

A SEMANA SANTA

O período da Grande Quaresma também inclui os dias da Semana Santa. Este é o momento em que os cristãos que passaram todo o período da Quaresma em oração e jejum se aproximam da Festa das Festas para celebrar a paixão e a ressurreição de Cristo.

Ao longo da Quaresma os fiéis trataram de praticar e viver os ideais e normas deste período litúrgico, à luz e na esperança da Páscoa. É por isso que a Hinologia de todo o período da Quaresma, especialmente durante a Semana Santa, refere-se à ressurreição de Cristo como o centro da fé cristã.

Cada dia da Semana Santa é dedicado aos acontecimentos e ensinamentos de Cristo durante sua última semana na Terra. Os fiéis que participam dos serviços desta semana devem se tornar mais conscientes de seus deveres em relação a si mesmos e ao próximo, através do jejum, da oração, de obras de caridade (esmolas), do perdão das ofensas dos demais; em outras palavras, através da participação, dia a dia, no espírito do Evangelho de Cristo.

CONCLUSÃO:

A importância da Grande Quaresma

A Grande Quaresma é um período durante o qual o cristão deve participar plenamente em sua própria preparação espiritual para louvar e glorificar ao seu Deus como Senhor e Salvador. A Grande Quaresma é como um “lugar” onde a qualidade de ser cristão é espiritualmente incrementada e fortalecida; onde a vida se renova na afeição aos princípios e ideais do evangelho; onde a fé culmina na profunda convicção da vida; onde a apatia e o desinteresse se convertem em atividades vigorosas de fé e boas obras. O sentido da Quaresma não se esgota nela mesma, como tal, como o jejum não é pelo jejum em si mesmo. Mas são todos meios pelos quais o crente se prepara para aceitar e alcançar o chamado de seu Salvador.

Portanto, a importância da Grande Quaresma é altamente valorizada, não apenas por monges que aumentaram gradualmente o tempo de sua duração, mas também pelos próprios leigos, ainda que não observem todo o tempo proposto pela Tradição da Igreja.

Como tal, a Grande Quaresma é a instituição sagrada da Igreja que serve a cada crente a participar como membro do Corpo Místico de Cristo e, de tempos em tempos, para melhorar o nível de fé e espiritualidade em sua vida cristã. A profunda intenção do crente, durante a Grande Quaresma, deve se concentrar nas palavras do Apóstolo:

“Esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus.

(Filipenses 3: 13-14).



ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL



A SEMANA SANTA

Uma breve explanação

*Madre Maria e Kallistos Ware
(Metropolita Titular de Diokleia)*



O SÁBADO DE LÁZARO

Este dia, com o Domingo de Ramos, ocupam um lugar especial entre a Quaresma e a Semana Santa. A Igreja celebra esses dois dias de alegria e triunfo que seguem os quarenta dias de penitência e que antecedem os dias sombrios de sofrimento que seguirão na Semana da Paixão. No sábado que antecede o Domingo de Ramos celebra-se a ressurreição de Lázaro em Betânia (Jo 2:1-46). Este milagre de Cristo é uma reafirmação aos seus discípulos antes de sua iminente Paixão: eles precisam compreender que, mesmo estando prestes a sofrer e morrer, Ele é o Senhor e é vitorioso sobre a morte. A Ressurreição de Lázaro é uma profecia em forma de fato que prefigura a própria Ressurreição de Cristo oito dias depois e, ao mesmo tempo, antecipa a ressurreição de todos os justos no último dia: Lázaro *"é o primeiro fruto da salvação e regeneração do mundo"*, como enfatiza o texto litúrgico.

O milagre em Betânia revela as duas naturezas de Cristo, o *Teanthropo*¹. Cristo pergunta onde puseram Lázaro e chora por ele, mostrando assim a plenitude de sua humanidade, participando *voluntariamente* da ignorância humana e manifestando um autêntico desconsolo para com um amigo amado. Também nos revela a plenitude de seu poder divino: Cristo ressuscita Lázaro da morte, mesmo já estando seu corpo em estado de degeneração. Esta é uma perspectiva factual sobre a dupla plenitude da hipóstase do Logos: a divindade e a humanidade do Senhor permanecem evidentes durante a Semana Santa.

O DOMINGO DE RAMOS

"Bendito aquele que vem em nome do Senhor": esta é a festa de Cristo, o Rei, que é alegremente acolhido pelas crianças em sua entrada em Jerusalém, mas também por todos nós em nossos corações. *"Bendito é aquele que vem..."*, que vem não tanto do passado, mas do futuro: porque no Domingo de Ramos damos boas-vindas não só ao Senhor que entrou em Jerusalém montando um jumentinho há muito tempo, mas também o Senhor que voltará em seu poder e admirável glória, como o Rei do século futuro. Palmas e ramos são abençoados e as levamos em nossas mãos juntamente com as velas para a sequência dos ofícios litúrgicos. O início do seguinte *stichirá* é repetido várias vezes durante o ofício: *"Neste dia a graça*

¹ Deus e homem

do Espírito Santo nos reuniu”.

É possível ver aqui a prática de Santo Eutímio, São Savas e de outros monges palestinos dos séculos V e VI. Eles que, após a festa da Epifania deixavam seus monastérios para fazer um retiro quaresmal no deserto, sozinhos ou acompanhados, e se mantinham nas semanas seguintes em silêncio e oração contínua, comendo apenas raízes silvestres. Mas, durante a tarde do sexto sábado da Quaresma, todos voltavam aos seus respectivos monastérios para a Vigília de Domingo de Ramos, a fim de celebrar a Semana Santa com a fraternidade. Em diversas paróquias isoladas no mundo ocidental, algo parecido acontece todos os anos. Membros das paróquias que estão espalhados, vivendo longe das suas igrejas e não podendo participar assiduamente nas liturgias, começam a aparecer na igreja para a Vigília do Domingo de Ramos, e quando a Semana Santa prossegue, seu número vai constantemente aumentando. Que neste Domingo de Ramos, como os monges da Antiga Palestina, nós, no século XX, possamos realmente dizer: *“Neste dia a graça do Espírito Santo nos reuniu”.*

A SEGUNDA-FEIRA SANTA

Durante os dias que seguem a Entrada de Jesus em Jerusalém, Ele falou particularmente com seus discípulos sobre os sinais que precederão o Último Dia (Mateus 24 e 25), e este é o tema principal da primeira parte da Semana Santa.

O desafio escatológico dos três primeiros dias da Semana Santa é resumido no Tropário e *Exapostilarion* das Matinas, ambos repetidos três vezes com uma melodia suave e solene: o Tropário *“Eis que o noivo vem no meio da noite...”* é baseado na parábola das Dez Virgens (Mt 25:1-13), enquanto que o *Exapostilarion*, *“Tua câmara nupcial contemplar...”* se baseia na parábola do homem que é expulso por não trajar a veste das bodas (Mt 22:11-13). Aqui se apresenta, em termos especialmente urgentes, o chamado que temos ouvido constantemente durante a Grande Quaresma: o Fim está próximo, sê vigilante; arrepende-te enquanto ainda há tempo.

Na Segunda-feira Santa comemoramos o Patriarca José (Gn 37 e 39-40), cujos sofrimentos inocentes prefiguram a Paixão de Cristo. Também comemoramos a figueira estéril, que o Senhor amaldiçoou (Mt 21:18-20) símbolo do juízo futuro para aqueles que não mostram o fruto do

arrependimento; mais especificamente, um símbolo da incrédula Sinagoga Judaica.

A TERÇA-FEIRA SANTA

Durante a Terça-feira Santa, os textos litúrgicos referem-se principalmente à parábola das Dez Virgens, tema geral desses três dias. Fazem também referência à Parábola dos Talentos que vem imediatamente depois (Mt 25:14-30). Ambos são interpretados como parábolas do Juízo.

A QUARTA-FEIRA SANTA

Na Quarta-feira Santa comemora-se a Mulher Pecadora, que ungiu os pés de Cristo quando Ele se sentou na casa de Simão. Na hinografia deste dia, o relato de Mateus 26: 6-13 é combinado com o de Lucas 7: 36-50 (cf. Jo 12:1-8). O segundo tema do dia é o acordo feito por Judas com as autoridades judaicas: o arrependimento do pecador contrasta com a trágica queda do discípulo escolhido. O *Triodion* deixa claro que Judas pereceu não apenas porque traiu seu Senhor, mas por se recusar a acreditar na possibilidade de arrependimento: *"Em sua miséria ele perdeu sua vida, preferindo a corda ao invés de arrependimento"*. Se lamentamos as ações de Judas, não o fazemos de forma vingativa e moralista, mas sempre conscientes de nossa própria culpa: *"Ó Senhor, livra nossas almas de sua condenação"*.

Em geral, todas as passagens no *Triodion* que parecem ser dirigidas contra os judeus devem ser entendidas desta mesma forma. Quando o *Triodion* denuncia aqueles que rejeitaram Cristo e o entregaram à morte, reconhecemos que essas palavras se aplicam não apenas aos outros, mas a nós mesmos: *Por acaso não traímos o Salvador muitas vezes em nossos corações e O crucificamos novamente?*

Na tarde da Quarta-Feira Santa celebra-se, usualmente, o Mistério da Unção dos Doentes, e todos na igreja são ungidos estando fisicamente enfermos ou não. Como não há uma certa linha de demarcação entre doenças corporais e espirituais, este Mistério concede não apenas a cura corporal, mas a remissão dos pecados, servindo como preparação para receber a Santa Comunhão no dia seguinte.

A QUINTA-FEIRA SANTA

Quatro eventos são comemorados neste dia: o Lava-pés dos discípulos, a Instituição do Mistério da Santa Eucaristia e a Última Ceia, a agonia no Jardim de Getsêmani (os textos litúrgicos não falam muito sobre esse assunto) e a traição de Judas. Em algumas catedrais e monastérios, há uma cerimônia especial do Lava-pés ao final da Liturgia, com o Bispo ou o Abade representando Cristo, e doze sacerdotes representando os apóstolos. No Patriarcado Ecumênico de Constantinopla o Santo Crisma, é consagrado durante a Liturgia deste dia, mas o rito não é feito todos os anos. O significado da Quinta-feira Santa pode ser resumido em um texto de beleza singular, repetido muitas vezes na Liturgia, que combina os temas da Comunhão Eucarística, a traição de Judas, e a confissão do Bom Ladrão: *"De Tua Ceia Mística, Filho de Deus, aceita-me hoje como partícipe, pois não desvendarei teu mistério aos teus inimigos, nem te darei um beijo como Judas, mas como o bom ladrão te confesso: lembra-te de mim, Senhor, quando entrares em Teu Reino"*.

A SEXTA-FEIRA SANTA

Na Sexta-feira Santa comemoramos os sofrimentos de Cristo: o escárnio, a coroa dos espinhos, o flagelo, os cravos, a sede, o vinagre e o fel, o pranto e a desolação, e tudo o que o Senhor sofreu na Cruz, assim como a confissão do bom ladrão. E estes eventos não podem ser separados da Paixão e da Ressurreição. Mesmo neste dia da humilhação do Senhor, buscamos também a revelação de sua glória eterna: *"Veneramos a Tua Paixão, ó Cristo: Mostra-nos também a Tua gloriosa Ressurreição"*. Como vimos, a Cruz e a Ressurreição são aspectos de um mesmo e indivisível ato de salvação: *"Ó Senhor, Tua Cruz é vida e ressurreição..."*.

O Ofício de Matinas de Sexta-feira Santa são geralmente antecipadas para a tarde de Quinta-feira. E tomam uma forma especial, já que contêm uma série de doze Evangelhos que começam com o discurso de Cristo na Última Ceia e terminam com o relato de seu sepultamento. Na tradição helênica há como que um clímax pouco antes do sexto Evangelho, quando o sacerdote carrega a Cruz do santuário e a coloca no centro da Igreja. Esta cerimônia, que teve origem na Igreja de Antioquia, foi mais recentemente adotada em Constantinopla, no ano de 1824; isso não se vê na prática das Igrejas Eslavas. Podemos encontrar neste uso o recurso a uma

representação dramática trazida a um novo plano através do uso não apenas de palavras, mas de ações visíveis. Na manhã de Sexta-feira, os ofícios das Horas tomam uma forma solene, como na véspera de Natal e da Teofania, com leituras do Antigo Testamento, e lê-se uma Epístola e um Evangelho em cada Hora (à maneira grega) ou à tarde (uso eslavo). No final das Vésperas, como anteriormente nas Matinas, na tradição helênica os eventos de Sexta-feira Santa são representados não apenas por palavras, mas por atos dramáticos. O Epitáfio, uma peça em tecido que mostra, pintado ou bordado, a figura de Cristo deitado antes de seu sepultamento, é levado em procissão do santuário para o centro da igreja, e depois é reverenciado pelos fiéis. Na prática atual, nenhuma Liturgia é celebrada na Sexta-feira Santa. Nos tempos antigos, a Liturgia de Pré-santificados era celebrada neste dia.

O SÁBADO SANTO - *ANASTASIS*

Neste dia comemoramos o sepultamento de Cristo e sua descida ao Hades. Nas Matinas, geralmente celebrada na tarde de Sexta-feira, o clímax litúrgico é atingido com o canto dos lamentos fúnebres – Encômios – a Cristo depositado em seu túmulo, e que é cantado em frente ao Epitáfio no centro da Igreja. O tema predominante neste ofício não é tanto o sofrimento, mas o da vigilante expectativa. No momento, Deus guarda o Sábado descansando em seu túmulo, enquanto esperamos o momento em que se levantará novamente, trazendo vida nova e recriando o mundo:

"Este dia Tu guardas o santo sétimo dia, que abençoaste desde os tempos antigos, descansando de Tuas Obras, ó meu Salvador; Tu, que chamaste todas as coisas ao ser, e fazes nova toda a criação, guardando o descanso do Sábado, e restaurando teu poder."

Ao final do ofício, todos os fiéis seguem em procissão junto ao Epitáfio ao redor da igreja, cantando *"Santo Deus, Santo Forte, Santo Imortal"*, exatamente como é feito em um funeral, embora isso não seja de forma alguma uma procissão fúnebre. Deus morreu na Cruz, mas ainda assim não está morto. Aquele que morreu, o Verbo de Deus, é a própria Vida, santa e imortal, e nossa procissão noturna simboliza que Ele está fazendo uma peregrinação na escuridão do inferno, proclamando a Adão e a todos os mortos a proximidade de sua Ressurreição da qual eles também serão chamados a compartilhar.

De manhã, e no início da tarde do Sábado Santo, são celebradas as Vésperas e a Liturgia de São Basílio. Os textos da Liturgia Vespertina são dominados por três temas inter-relacionados: Páscoa, Ressurreição e iniciação batismal. Das quinze leituras do Antigo Testamento – que constituem a etapa final da instrução aos catecúmenos que se preparam para o batismo – as leituras 3, 5, 6 e 10 referem-se, direta ou simbolicamente, à Páscoa; as leituras 4, 7, 8, 12 e 15 referem-se à Ressurreição; e as leituras 4, 6, 14 e 15 fazem referência simbólica ao Batismo. O caráter batismal do Sábado Santo também é evidente quando, no lugar do *Triságio*, canta-se: “*Vós todos que em Cristo fostes batizados, de Cristo vos revestistes*”; e na designação da leitura da Epístola (Rm 6: 3-11). E com o verso após a Epístola, “*Levanta-Te, ó Deus, e julga a Terra...*”, tem início a celebração da Ressurreição.

No entardecer do Sábado Santo os fiéis se reúnem novamente na igreja, que estará com suas luzes apagadas, para a leitura do livro dos Atos dos Apóstolos; o ofício da Ressurreição é realizado à meia-noite, com todas as luzes da igreja estando apagadas. Todos esperam em silêncio o sacerdote deixar o santuário com uma vela acesa simbolizando o Cristo Ressuscitado. Dá-se, assim, o encerramento do período do *Triodion* e se adentra no período ressurrecional do Pentecostarion.





ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL



A SEMANA SANTA

Guia para os fiéis



O que se quer denotar ao qualificar esta semana como santa? Sem dúvida, quer-se indicar que em seu decurso celebramos acontecimentos que possuem uma singular, estreita e especial relação com o espiritual. E, de fato, para alguns, é uma semana que sintetiza, em dois ou três momentos, valores étnicos ou culturais de grande relevância; para outros, é uma semana de celebrações religiosas, em que também, mas de outra perspectiva, destacam como ápice o momento do epitáfio e do “Χριστός

Ἀνέστη”. No entanto, a Páscoa é muito mais do que uma mera evocação cultural ou mesmo religiosa que realizamos periodicamente todos os anos.

É a celebração da Páscoa do Senhor, em toda a sua dimensão de dor e triunfo, de vida e de morte; é um evento de natureza eminentemente espiritual, e para vivê-la em plenitude é necessário acessar a experiência a partir dessa perspectiva. Somente a partir dessa

perspectiva podemos considerar esta Semana como uma *comemoração e celebração* do triunfo do amor. Nessas celebrações se resume e se atinge o ponto de maior densidade da vida de Jesus: *"tendo amado os seus, Ele os amou até o fim"*. Portanto, ao celebrarmos sua morte e seu triunfo sobre ela, celebramos toda a sua vida, à qual desejamos estender não apenas nossa memória, mas nossa própria vida. Além disso, *celebramos e vivemos* sua *"parusia"* – *presença* – *entre nós*, que não termina com um mero ritualismo, mas que através dela se prolonga na *Eucaristia*, em sua presença ressuscitada e misteriosa na comunidade cristã. Dessa forma, passamos de *viver e celebrar* sua *"parusia"* entre nós para vivê-la e celebrá-la *em* nós. E, evidentemente, o nexos entre o *"entre"* e o *"em"* nós denota o caráter sacramental e transcendental da comemoração como vida após a vida.

Em última análise, o que celebramos esta semana é o que



celebramos dia após dia, a Páscoa do Senhor. Contudo, é preciso vivê-lo de forma especial nessas datas, voltando-se para a fonte de nossas celebrações mistericas como um meio direto de ascetismo e

experiência do metafísico. É como beber a água pura da nascente. Essa água, muitas vezes, à medida que percorre os recantos e fendas do tempo e do espaço sem aquela referência continuamente atualizada e experimentada à sua *"Fonte"*, acaba se deteriorando pelo contato com nossa contingência, nossa relatividade, nossa história, rotina e superficialidade. A Semana Santa é uma oportunidade única para reatualizar essa referência com o Absoluto e me reconfigurar a Ele.

Esta semana é também uma semana de encontros: um momento oportuno para a reconciliação, para confrontar nossas vidas com a de Jesus, nos momentos de maior radicalidade. À luz desta generosa dedicação de



Jesus à nossa salvação, devemos repensar nossas próprias vidas, e nos apresentar diante de Deus, a Igreja, à sociedade, para que, através de gestos e ações litúrgicas e mistéricas de nossa Sagrada Tradição, possamos nos reconciliar, com nosso próximo e, finalmente, com Deus.

ATEMPORALIDADE LITÚRGICA: A ANÁMNESIS

Num sentido literal, esta palavra helena significa "*comemoração*". Há que se ter em mente, porém, que aqui o "*recordar*" não pode ser entendido como um processo introvertido, com o qual evocamos um evento ou uma pessoa do passado, sem qualquer compromisso de nossa parte no aqui e agora pessoal e comunitário; em geral, quando o uso bíblico e patrístico recorda algo, significa que o passado é trazido ao presente, e que desta forma se torna um impulso para fazer algo em nosso aqui e agora. Não se trata de voltar ao passado, mas, pelo contrário, mover o passado para o presente, para que suas implicações sejam eficazes.



Este sentido de recordação verifica-se também quando se trata de um ato ritual que é feito como um memorial, com todas as consequências que isso supõe para o aspecto significativo do rito. De fato, quando Cristo celebrou a Ceia com os discípulos, ele estava realizando um memorial e, ao mudar o sentido, por sua

Palavra, os gestos daquele rito, ele queria que os discípulos a repetissem precisamente no sentido de que Ele lhes havia dado; Jesus ordenou que repetissem aquilo como seu memorial. Daí que a palavra *anamnese* é traduzida mais por "*memorial*" do que por "*recordação*", para evocar mais diretamente as particularidades do termo no sentido bíblico e litúrgico.

Na parte da *anáfora* em que a *anamnésis* é feita a Igreja proclama sua recordação, na fé do mistério salvador de Cristo. Este mistério foi sempre expressado centrado na morte do Senhor (cf. 1 Cor 11:26). Já na *anáfora* da Tradição Apostólica faz a menção à ressurreição; desde o século IV, aparecem referências à ascensão e a *parusia*. O Oriente comemora toda a *economia salvadora* de Cristo. Na verdade, essas frases da *anamnésis* são a expressão da fé da Igreja no mistério que celebra: a repetição da Ceia, memorial do mistério salvador da Cruz, suscita sua memória, e disso brota a vivência envolta na ação de graças – *εὐχαριστία*. Na fé, a Igreja também aceita que a celebração do memorial supõe atualizar e proclamar o que vive, pois na Eucaristia é o próprio Cristo quem “*oferece e é oferecido*”.



Uma vez que o mistério da salvação é recordado até que o Senhor volte, a noção de *anamnésis* contém uma referência ao retorno do Senhor em sua “*Parusia*”. Na verdade, o memorial litúrgico é, em si, um alimento da esperança do povo; a recordação das maravilhas de Deus, atualizada no hoje pela celebração dos mistérios sagrados, assegura uma total fidelidade de Deus à sua promessa. Lembrar algo a Deus é como assegurar sua intervenção.

Ao *com-memorar* a última ceia na Divina Liturgia, “*anunciamos e proclamamos*” a morte e a vitória de Cristo sobre ela. Esta proclamação é feita pelo fato mesmo de celebrar a Eucaristia, pois quando a comunidade se reúne em *sinaxis* – assembleia – para celebrar o memorial, constitui em si um símbolo, um sinal, para toda a humanidade e o cosmos. Na anamnese, a



consciência da Igreja de constituir o signo vivo e dinâmico do mistério de pascal consumado e projetado, é expresso de uma forma que compromete a humanidade e o cosmos, pois toda a humanidade e todo o criado estão vinculados, como último destino, a encontrar-se com Cristo em sua volta.

O ETOS DA SEMANA SANTA

Alciviades Kalivas

Os eventos salvíficos que a Igreja recorda e celebra na Semana Santa estão enraizados no mistério inesgotável do amor inefável de Deus pelo mundo que culminou na encarnação, morte e ressurreição de seu único Filho e nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

As solenidades da Semana Santa nos ajudam a entrar e penetrar nas profundezas deste mistério. Cada dia apresenta um tema particular, um enfoque e uma história em particular. Cada história está vinculada à outra, e todas juntas estão ordenadas ao evento central: *a Páscoa da Cruz e da Ressurreição*. Tudo converge na pessoa de Jesus Cristo, que foi traído, crucificado e sepultado e que ressuscitou no terceiro dia. Estes eventos são as pedras angulares da estrutura da Semana Santa. Através deles abraçamos o mistério de nossa salvação. Seu resplendor nos ajuda a ver de novo e mais claramente a profundidade de nossos erros, tanto pessoal quanto coletivamente. Suas explosões de energia sobre nós nos lembram novamente do amor imensurável de Deus, de sua misericórdia e seu poder.

A Semana Santa nos coloca ante duas realidades: por um lado, somos cientes da terrível praga do pecado humano, que surge da rebelião contra Deus e que reside em nós e ao nosso redor; por outro lado, experimentamos novamente o Onipotente, o poder transformador do amor de Deus. Desde o princípio, Jesus e seu Evangelho encontraram uma resposta dupla: alguns creram e se tornaram Seus discípulos; outros o rejeitaram e passaram a odiá-lo, desprezá-lo e buscar eliminá-lo. Estas atitudes opostas em relação à pessoa e à mensagem são especialmente evidentes nos eventos celebrados na Semana Santa. Na medida em que se dá o desenrolar dos eventos, a falsa religiosidade é despida (Mateus 23:2-38) e as entranhas infernais do poder das trevas são desmascaradas (Lc 22:53). Aninhada nos corações dos homens maus - demoníaco, maligno e odioso - a escuridão ferve com o engano, a calúnia, a astúcia, a ganância, a covardia, a traição, a recusa, a perfídia, o ódio e a hostilidade agressiva. O mal, em todo o seu absurdo, e a fúria, explodem no evento da Cruz. Mas ele se torna impotente pelo amor de Deus (Lc 23:34). Cristo é vitorioso! A morte foi vencida. As tumbas são esvaziadas (Mt 27: 52-53). A vida foi libertada. Deus - e não o homem - controla o

destino do mundo!

No curso dos eventos da Semana Santa nos deparamos com muitas figuras contrastantes e rostos que chamam a juízo nossas próprias disposições e atitudes em relação a Cristo. A Semana Santa não é simplesmente um momento para recordar; é um tempo para viver, para o arrependimento, para uma maior e mais profunda conversão do coração – *metanoia*.



É nas solenidades da Semana Santa que experimentamos novamente o abraço do amor e do perdão de Deus; o dom e a promessa de eternidade e plenitude. Vivificados e energizados pela experiência, prosseguimos pela fé a subir a escada da ascensão divina. Seguros de Seu amor, vivemos na salvífica tensão entre alegria e tristeza até que Ele venha. Com um coração arrependido vivemos a alegria da esperança e na expectativa do que virá (1 Cor. 2:9).

JEJUM COM COMUNHÃO, ORAÇÃO, A VIDA CRISTÃ

O jejum de alimentos e, mais importante, dos pecados são observados na participação da mesma preparação para a Santa Comunhão, no Corpo e Sangue de Jesus Cristo, especialmente durante a Grande Quaresma. Para o cristão piedoso, a Santa Comunhão é o sagrado privilégio de estar em comunhão com o próprio Deus. É uma sagrada união de seu próprio ser com o de seu Criador e Redentor. Assim, o cristão piedoso busca praticar os mandamentos de Deus ao longo de todo ano. Seu arrependimento, confissão, orações, jejuns e esmolas, especialmente antes de participar da Santa Comunhão, são atos espirituais que o aproximam de Deus.



Os santos e os piedosos servos de Deus praticam o jejum, entre outras coisas, como um *meio* de promover seu próprio crescimento espiritual no serviço da Igreja. No Novo Testamento o jejum está vinculado à oração. Jesus Cristo, em referência à expulsão do espírito maligno, quando assegurou aos seus discípulos que o demônio é repreendido pela oração e pelo jejum: "Essa espécie (de demônio) não pode sair a não ser com oração e jejum" (Mc 9:29; cf. Mt 17: 20-21).



ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL

===== PATRIARCADO ECUMÊNICO =====



SÁBADO DE LÁZARO





Ó Cristo Deus, dando-nos, antes da tua Paixão, uma garantia da ressurreição geral, ressuscitaste Lázaro dos mortos; por isso, nós também, como os filhos dos hebreus, levamos os símbolos da vitória, clamando: Ó vencedor da morte, hosana nas alturas! Bendito o que vem em nome do Senhor!Apolitikion, Modo 1)

A EPÍSTOLA

Prokimenon (Modo 3)

O Senhor é minha luz e minha salvação.
O Senhor é o protetor de minha vida.

Epístola da Carta do Apóstolo Paulo aos Hebreus [HB 12: 28-13: 8]



rmãos, visto que recebemos um reino inabalável, guardemos bem esta graça. Por ela, sirvamos a Deus de modo que lhe seja agradável, com submissão e temor. Pois o nosso Deus é um fogo abrasador! O amor fraterno permaneça. Não vos esqueçais da hospitalidade, porque graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos. Lembrai-vos dos prisioneiros, como se vós fôsseis prisioneiros com eles, e dos que são maltratados, pois também vós tendes um corpo! O matrimônio seja honrado por todos, e o leito conjugal, sem

mancha; porque Deus julgará os fornicadores e os adúlteros. Que o amor ao dinheiro não inspire a vossa conduta. Contentai-vos com o que tendes, porque ele próprio disse: Eu nunca te deixarei, jamais te abandonarei. De modo que podemos dizer com ousadia: O Senhor é meu auxílio, jamais temerei; que poderá fazer-me o homem? Lembrai-vos dos vossos dirigentes, que vos anunciaram a palavra de Deus. Considerai como terminou a vida deles, e imitai-lhes a fé. Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; ele o será para sempre!

OIKOS

Ó Criador de tudo, que havias antecipado e disseste a teus discípulos: “Meus irmãos e todos vós meus conhecidos, o nosso irmão Lázaro está morto”; indicando e ensinando-lhes que tudo conheces, porque és o Criador de todos. Vinde, pois, vamos ver a sepultura e o estranho pranto de Maria, a olhar o sepulcro de Lázaro. Porque ali haverá de se manifestar uma maravilha que irá completar as premissas da Cruz, concedendo a todos o Divino Perdão.

SINAXARION

Neste dia, o Sábado que antecede o Domingo de Ramos, celebramos a ressurreição do Santo e Justo Lázaro, amigo de Cristo e morto por quatro dias. Pelas intercessões de teu amigo Lázaro, ó Cristo Deus, tem piedade de nós! Amém.

EVANGELHO

Evangelho de Jesus Cristo, segundo o Evangelista São João [JO 11:1-45].



aquele tempo, havia um doente, Lázaro, de Betânia, povoado de Maria e de sua irmã Marta. Maria era aquela que ungira o Senhor com bálsamo e lhe enxugara os pés com os cabelos. Seu irmão Lázaro se achava doente. As duas irmãs mandaram, então, dizer a Jesus: "Senhor, aquele que amas está doente". A essa notícia, Jesus disse: "Essa doença não é mortal, mas para a glória de Deus, para que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus". Ora, Jesus amava Marta e sua irmã e Lázaro. Quando soube que este se achava doente, permaneceu ainda dois dias no lugar em que se encontrava; só depois, disse aos discípulos: "Vamos outra vez à Judeia!" Seus discípulos disseram-lhe: "Rabi, há pouco os judeus procuravam apedrejar-te e vais outra vez para lá?" Respondeu Jesus: "Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha durante o dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas se alguém caminha à noite, tropeça, porque a luz não está nele". Disse isso e depois acrescentou: "Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo". Os discípulos responderam: "Senhor, se ele está dormindo, se salvará!" Jesus, porém, falara de sua morte e eles julgaram que falasse do repouso do sono. Então Jesus lhes falou claramente: "Lázaro morreu. Por vossa causa, alegro-me de não ter estado lá, para que creiais. Mas vamos para junto dele!" Tomé, chamado Dídimos, disse então aos discípulos: "Vamos também nós, para morrermos com ele!" Ao



chegar, Jesus encontrou Lázaro já sepultado havia quatro dias. Betânia ficava perto de Jerusalém, a uns quinze estádios. Muitos judeus vieram até Marta e Maria, para as consolar da perda do irmão. Quando Marta soube que Jesus chegara, saiu ao seu encontro; Maria, porém, continuava sentada, em casa. Então, disse Marta a Jesus: "Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas ainda agora sei que tudo o que pedires a Deus, ele te concederá". Disse-lhe Jesus: "Teu irmão ressuscitará". "Sei, disse Marta, que ressuscitará na ressurreição, no último dia!" Disse-lhe Jesus: "Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá. Crês nisso?" Disse ela: "Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo". Tendo dito isso, afastou-se e chamou sua irmã Maria, dizendo baixinho: "O Mestre está aí e te chama!" Esta, ouvindo isso, ergueu-se logo e foi ao seu encontro. Jesus não entrara ainda no povoado, mas estava no lugar em que Marta o fora encontrar. Quando os judeus, que estavam na casa com Maria, consolando-a, viram-na levantar-se rapidamente e sair, acompanharam-na, julgando

que fosse ao sepulcro para aí chorar. Chegando ao lugar onde Jesus estava, Maria, vendo-o, prostrou-se a seus pés e lhe disse: "Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido". Quando Jesus à viu chorar e também os judeus que a acompanhavam, comoveu-se interiormente e ficou conturbado. E perguntou: "Onde o colocastes?" Responderam-lhe: "Senhor, vem e vê!" Jesus chorou. Diziam, então, os judeus: "Vede como ele o amava!" Alguns deles disseram: "Esse, que abriu os olhos do cego, não poderia ter feito com que ele não morresse?" Comoveu-se de novo Jesus e dirigiu-se ao sepulcro. Era uma gruta, com uma pedra sobreposta. Disse Jesus: "Retirai a pedra!" Marta, a irmã do morto, disse-lhe: "Senhor, já cheira mal: é o quarto dia!"; Disse-lhe Jesus: "Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?" Retiraram, então, a pedra. Jesus ergueu os olhos para o alto e disse: "Pai, dou-te graças porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves; mas digo isso por causa da multidão que me rodeia, para que creiam que me enviaste". Tendo dito isso, gritou em alta voz: "Lázaro, vem para fora!" O morto saiu, com os pés e mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário. Jesus lhes disse: "Desatai-o e deixai-o ir". Muitos dos judeus que tinham vindo à casa de Maria, tendo visto o que ele fizera, creram nele.

O SÁBADO DE LÁZARO



No Sábado de Lázaro Celebra-se a Divina Liturgia de São João Crisóstomo que é precedida pelo Ofício de Matinas. Na sexta-feira anterior o Ofício de Vésperas é realizado em conjunto com a Liturgia dos Pré-santificados, ou, se não houver a Liturgia, faz-se de acordo com a ordem do *Triodion*. O dia e a comemoração recebem o nome do milagre (sinal) de Cristo apresentado no Evangelho. Tanto esta festa como o Domingo de Ramos são fes-

tas alegres da Igreja e, portanto, cores vivas são usadas para os ornamentos sacerdotais e para o santo Altar. As leituras bíblicas para o sábado de Lázaro são: nos *Orthros* (Matinas) não há leitura do Evangelho. Na Divina Liturgia: HB 12: 28-13: 8 e JO 11: 1-45. Na Divina Liturgia do Sábado de Lázaro, o verso baptismal de Gálatas "Vós, que em Cristo fostes batizados, de Cristo vos revestistes" (Gl 3: 27) substitui o *Trisagion*, indicando o caráter ressurrecional da celebração e o fato de que, antigamente, o Sábado de Lázaro era um dos poucos dias em que se realizava batismo no ano litúrgico da Igreja Ortodoxa.



Fonte: 4-Boletín Sábado de Lázaro 2020
Publicação da Sacra Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires
e Exarcado da América do Sul – Patriarcado Ecumênico
Tradução de Pe. André Sperandio





ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL

===== PATRIARCADO ECUMÊNICO =====



DOMINGO DE RAMOS





Apolitikion (Modo 1)

Ó Cristo Deus, dando-nos, antes da tua Paixão, uma garantia da ressurreição geral, ressuscitaste Lázaro dos mortos; por isso, nós também, como os filhos dos hebreus, levamos os símbolos da vitória, clamando: Ó vencedor da morte, hosana nas alturas! Bendito o que vem em nome do Senhor!

Kondakion da Festa (Modo 4)

Fomos sepultados contigo pelo batismo, ó Cristo Deus, e pela tua Ressurreição, merecemos a vida eterna. Por isso, a Ti cantamos em alta voz: hosana nas alturas! Bendito o que vem em nome do Senhor!

EPÍSTOLA

Prokimenon

Bendito o que vem em nome do senhor!

Vers.: Louvai o Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia é eterna.

Epístola do Apóstolo São Paulo aos Filipenses [FP 4: 4-9]



rmãos, alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos! Que a vossa moderação se torne conhecida de todos os homens. O Senhor está próximo! Não vos inquieteis com nada; mas apresentai a Deus todas as vossas necessidades pela oração e pela súplica, em ação de graças. Então a paz de Deus, que excede toda a

compreensão, guardará os vossos corações e pensamentos, em Cristo Jesus. Finalmente, irmãos, ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou que de qualquer modo mereça louvor! O que aprendestes e herdastes, o que ouvistes e observastes em mim, isso praticai. Então o Deus da paz estará convosco.

EVANGELHO

Evangelho de Jesus Cristo, segundo o Evangelista São João [JO 12:1-18]



aquele tempo, Seis dias antes da Páscoa Jesus foi a Betânia, onde estava Lázaro, que ele ressuscitara dos mortos. Ofereceram-lhe aí um jantar; Marta servia

e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele. Então Maria, tendo tomado uma libra de um perfume de nardo puro, muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os cabelos; e a casa inteira ficou cheia do perfume do bálsamo. Disse, então, Judas Iscariotes, um de seus discípulos, aquele que o entregaria: "Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários para dá-los aos pobres?" Ele disse isso, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa comum, roubava o que aí era posto. Disse então Jesus: "Deixa-a; ela conservou esse perfume para o dia da minha sepultura! Pois sempre tereis pobres convosco; mas a mim nem sempre tereis". Grande multidão de judeus, tendo sabido que ele estava ali, veio, não só por causa de Jesus, mas também para ver Lázaro, que ele ressuscitara dos mortos. Os chefes dos sacerdotes decidiram, então, matar também a Lázaro,

pois, por causa dele, muitos judeus se afastavam e criam em Jesus. No dia seguinte, a grande multidão que viera para a festa, sabendo que Jesus vinha a Jerusalém, tomou ramos de palmeira e saiu ao seu encontro, clamando: "Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e o rei de Israel!" Jesus, encontrando um jumentinho, montou nele, como está escrito: Não temas, filha de Sião! Eis que vem o teu rei montando num. jumentinho! Os discípulos, a princípio, não compreenderam isso; mas quando Jesus foi glorificado, lembraram-se de que essas coisas estavam escritas a seu respeito e que tinham sido realizadas. A multidão, que estava com ele quando chamara Lázaro do sepulcro e o ressuscitara dos mortos, dava testemunho. E por isso, a multidão saiu ao seu encontro: soubera que ele havia feito esse sinal.

BÊNÇÃO DE RAMOS

Senhor, nosso Deus, Tu que repousas sobre os Querubins e és louvado pelos Serafins; que por teu grande poder, sábia providência e imensa bondade, enviaste teu Filho unigênito para salvar o mundo por sua cruz, sepultamento e ressurreição; Ele, que ao chegar a Jerusalém para, voluntariamente, padecer a sua Paixão, foi recebido pelo povo que estava nas trevas e na sombra da morte, levando em suas mãos, palmas e ramos de oliveira, símbolo da vitória e prenúncio da ressurreição: Tu, Senhor, guarda-nos, a nós que, imitando-os, te oferecemos ramos de oliveira e palmas; e dá-nos a inocência das crianças e a mansidão dos adolescentes que te louvaram naquele dia festivo, para que te aclamemos: «Hosana nas alturas!» Perdoa-nos, a nós pecadores, a fim de que, no meio dos louvores e dos

hinos espirituais, sejamos dignos da Ressurreição ao terceiro dia, de teu Filho unigênito, Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo com o qual és bendito, com o teu santíssimo, bom e vivificante Espírito, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

O DOMINGO DE RAMOS

"Bendito aquele que vem em nome do Senhor"

Esta é a festa de Cristo, o Rei, que é alegremente acolhido pelas crianças em sua entrada em Jerusalém, mas também por todos nós em nossos corações. "Bendito é aquele que vem...", que vem não tanto do passado, mas do futuro: porque no Domingo de Ramos damos boas-vindas não só ao Senhor que entrou em Jerusalém montando um jumentinho há muito tempo, mas também ao Senhor que voltará em seu poder e admirável glória, como o Rei do século futuro.

Palmas e ramos são abençoados e os levamos em nossas mãos juntamente com as velas para a sequência dos ofícios litúrgicos. O início do seguinte *stichirá* é repetido várias vezes durante o ofício: "Neste dia a graça do Espírito Santo nos

reuniu". É possível ver aqui a prática de Santo Eutímio, São Savas e de outros monges palestinos dos séculos V e VI. Eles que, após a festa da Epifania deixavam seus monastérios para fazer um retiro quaresmal no deserto, sozinhos ou acompanhados, e se mantinham nas semanas seguintes em silêncio e oração contínua, comendo apenas raízes silvestres. Mas, durante a tarde do sexto sábado da Quaresma, todos voltavam aos seus respectivos monastérios para a Vigília de Domingo de Ramos, a fim de celebrar a Semana Santa com a fraternidade.

Em diversas paróquias isoladas no mundo ocidental, algo parecido acontece todos os anos. Membros das paróquias que estão espalhados, vivendo longe das suas igrejas e não podendo participar assiduamente nas liturgias, começam a aparecer na igreja para a Vigília do Domingo de Ramos, e quando a Semana Santa prossegue, seu número vai constantemente aumentando.

Que neste Domingo de Ramos, como os monges da Antiga Palestina, nós, no século XX, possamos realmente dizer: "Neste dia a graça do Espírito Santo nos reuniu".

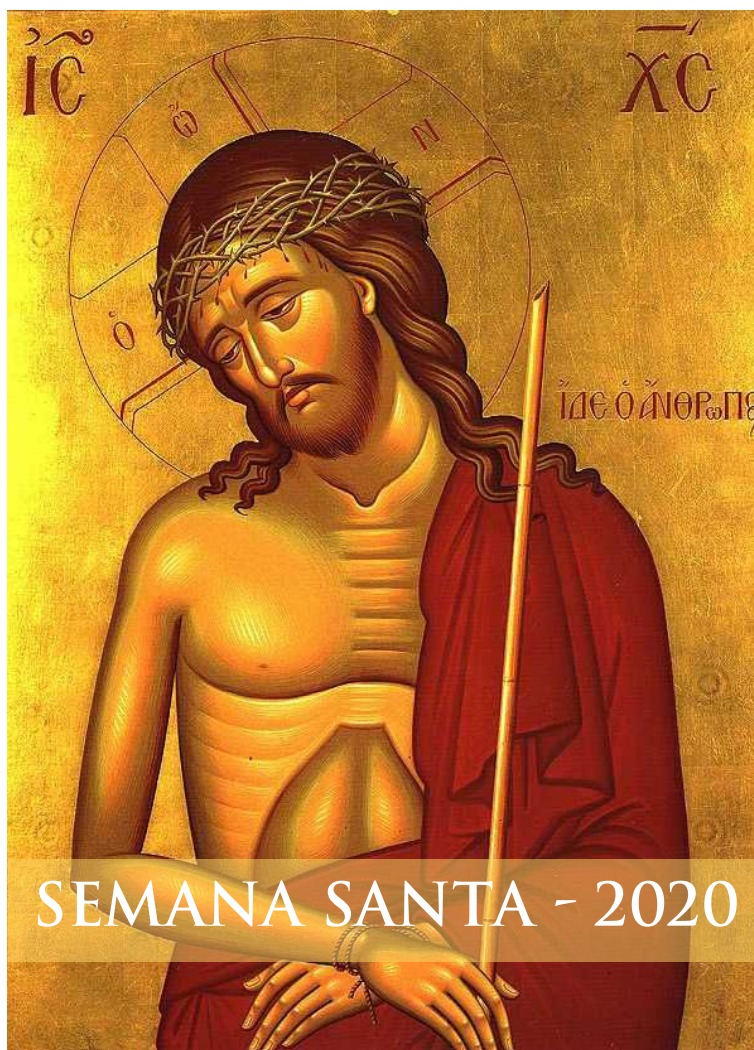
Fonte: 4-Boletín Sábado de Lázaró 2020
Publicação da Sacra Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires
e Exarcado da América do Sul – Patriarcado Ecumênico
Tradução de Pe. André Sperandio





ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL

————— PATRIARCADO ECUMÊNICO —————



«OFÍCIO DO NOIVO»
DOMINGO DE RAMOS E NOITE DE
SEGUNDA-FEIRA SANTA





Eis que o esposo vem no meio da noite. Feliz o servo que ele encontrar vigilante. Aquele, porém, que encontrar imprevidente, será considerado indigno de acompanhá-lo. Acautela-te, pois, ó minha alma, a fim de que não sejas entregue à morte e fiques fora das portas do Reino. Mas, desperta, clamando: "Santo, Santo, Santo és ó Senhor! Pela intercessão da Mãe de Deus, tem piedade de nós! (Apolitikion)

Ofício de Matinas da Santa e Grande Segunda-feira

«JOSÉ DO EGITO»

No domingo à noite é realizado o Ofício de Matinas da Santa e Grande Segunda-feira no qual, através da oração e da Palavra de Deus refletimos sobre a pessoa de José, o Justo, e no episódio da figueira estéril.

José bisneto de Abraão, neto de Isaque, filho de Jacó tinha mais onze irmãos: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Isacar, Gad, Dan, Aser, Neftali e Benjamin. Sendo os doze bisnetos de Abraão eram herdeiros da promessa de Deus. Tornariam-se, depois, os chefes das doze tribos de Israel, do povo escolhido por Deus, de quem nasceria o prometido Messias. De todos os filhos de Jacó José, era o favorito do pai. E seus irmãos não entendiam a razão desta preferência, pois José não era nem o primogênito nem o mais forte, mas, de fato, era o penúltimo (11º) de seus dezoito filhos). Isso provocou fortes sentimentos de ciúme e inveja em seus irmãos.

Os irmãos de José foram levar a pastar as ovelhas, e Jacó ordenou a José que fosse ver seus irmãos e lhe trouxesse notícias. Vendo-o ainda de longe que se aproximava, alegre e despreocupado, os irmãos sentiram raiva e inveja e planejaram matá-lo. Ruben sugeriu então que fosse colocado vivo num poço vazio próximo. Os outros irmãos gostaram da ideia. Quando José chegou, os irmãos o levaram até o poço, despiram-no e o espancaram.

Teria sido este o túmulo de José se não fosse porque, voltando para casa, seus irmãos encontraram uma caravana de Ismaelitas que negociava escravos, e Judá propôs que o vendessem em vez de deixá-lo naquele poço. Os irmãos concordaram e os contrabandistas retiraram José daquele horrível poço e o levaram como escravo para o Egito, onde Putifar, o faraó, o comprou.

José viveu por vários anos como escravo do faraó até que a esposa do faraó se apaixonou por ele e, porque José não consentiu com o romance, ela disse ao Faraó que José havia tentado contra sua honra. O faraó se enfureceu de tal modo que o mandou para a prisão.

José tinha o dom de interpretar sonhos, e eis que, dois anos depois, o Faraó teve um sonho no qual estava ao lado do Nilo, e viu que do rio vinham sete vacas bonitas e gordas que começaram a pastar os juncos que cresciam na sua encosta. Atrás delas vinham sete vacas feias e magras que comiam as vacas belas e gordas.

O Faraó, conhecendo a habilidade de José, o retirou da prisão e o questionou sobre o significado de sonho que tivera. José respondeu: sete anos de abundância e sete anos de seca no Egito, e seu conselho foi para que durante os sete anos de abundância estocassem um quinto de todas as colheitas do Egito. E assim foi feito, e o Egito não sofreu fome durante os sete anos de seca. José foi nomeado então pelo Faraó para o mais alto cargo administrativo do Egito.

A seca, com efeito, foi tão grande que logo afetou além do Egito, lá onde a família de José morava. Jacó, não tendo mais o que comer e ouvindo que no Egito vendiam comida, enviou dez de seus filhos para comprar alimentos. Eles se apresentaram a José, sem saber de quem se tratava. José, percebendo que eram seus irmãos, não só não os julgou ou castigou, mas os tratou com condescendência e misericórdia. Os irmãos voltaram para a casa de Jacó com a boa notícia de que José estava vivo e que queria que Jacó e todos os seus filhos se mudassem para o Egito, o que fizeram.

Desta forma, José torna-se uma clara prefiguração de Cristo, entregue à morte por seus próprios irmãos judeus e vendido por trinta moedas de prata. E, assim como José, Jesus venceu a morte e foi constituído o Senhor de todas as coisas.

A analogia José-Jesus, elaborada pelos Pais da Igreja, baseia-se, além das circunstâncias acima mencionadas, na atitude amorosa incondicional de ambos em relação aos seus irmãos que atentam contra suas vidas e, por sua vez, são redimidos pelos seus atos em virtude desse amor que perdoa, redime e vivifica para além de todas as ações e circunstâncias da vida.

«A FIQUEIRA SECA»

A Igreja, neste tempo preparatório à comemoração da Paixão de nosso Senhor, faz referência ao episódio em que Jesus amaldiçoa a figueira infrutífera (Mt 21:18-43). Tendo sido vendido pelo crime e inveja de seus irmãos, José não se entregou ao ódio, ressentimento e a vingança que tais atitudes, incompreensíveis à mente humana, poderiam lhe ter causado, mas aproveitou a oportunidade para reverter todo o mal que lhe tinha sido feito e, assim, "produziu bons frutos". José tomou o caminho mais difícil, o do perdão, da condescendência e do amor.

A vida dá muitas voltas e, quando se encontrou com seus irmãos, não apenas os perdoou, mas os trouxe para viver com ele no Egito, salvando-os da fome. E este é o exemplo mais contundente do que Cristo nos ordena: "amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (Jo 13:34). Este é o fruto que Deus espera de cada um de nós. Nosso fruto é o amor incondicional do qual São Paulo fala aos coríntios (Cor 13:4-7). Caso contrário, nossa vida pode secar como a figueira, já neste mundo. Uma vida privada desse amor não dá frutos e não pode alimentar ninguém. Deus nos pede para que O "alimentemos" com esse amor através daqueles que são nossos próximos: este é o novo mandamento e os frutos pelos quais seremos conhecidos (Mt. 7: 15-20).

Ἐξαποστειλάριον Ἦχος γ'

Τὸν νυμφῶνά σου βλέπω, Σωτήρ μου κεκοσμημένον, καὶ ἔνδυμα οὐκ ἔχω, ἵνα εἰσέλθω ἐν αὐτῷ, λάμπρυνόν μου τὴν στολὴν τῆς ψυχῆς, Φωτοδότα, καὶ σώσόν με.

Oikos da Grande e Santa Segunda-feira

Juntemo-nos a Jacó com grandes lamentos e lágrimas pelo casto José, o bem-aventurado que, tendo sido escravizado no corpo, guardou em liberdade a sua alma e foi governador de todo o Egito, pois que, aos seus servos, Deus concede as coroas incorruptíveis.

Sinaxarion da Grande e Santa Segunda-feira

Na Grande Segunda-feira Santa, comemoramos a memória de José, o bem-aventurado e de excelsa beleza, e da figueira que o Senhor amaldiçoou por não ter frutos e que secou. Pela intercessão de José, o bem-aventurado, Ó Cristo nosso Deus, tem piedade de nós e salvamos!

Kondakion da Grande Terça-feira

Ó alma desventurada, quando pensares com receio na hora da morte e na figueira cortada, cuida em fazer render o talento a ti entregue e vigia clamando: «Não fiquemos fora da câmara nupcial de Cristo!»

Oikos da Grande Terça-feira

Por que és indolente, ó alma miserável? E, por que te preocupas com coisas vãs, buscando o temporal? A última hora chegou e deves separar-te do que está aqui; enquanto tens tempo, levanta-te e clama: "Eu pequei, ó Cristo, meu Salvador, não me corte como a figueira estéril, mas Tu, porque és misericordioso, tem piedade de mim, que clamo com temor para não ficar fora das bodas de Cristo!

Serviço de Matinas da Santa e Grande Terça-feira

Sinaxarion

Na Santa e Grande Terça-feira, recordamos a Parábola das Dez Virgens que o Senhor contou no caminho para sua santa Paixão. Ó Cristo, Noivo, conta-nos entre as virgens sábias e congrega-nos em teu rebanho para a teu rebanho escolhido. Amém.

O Ofício de Matinas da Grande Terça-feira, re-

alizado na segunda à noite, medita sobre a Parábola das Dez Virgens. Cristo é o Noivo, e nossas almas são representadas pelas virgens da parábola; e por isso é que estes ofícios foram denominados como "Ofício do Noivo". A união da alma com Deus é simbolizada, desde o "Cântico dos Cânticos", com a união do homem e da mulher, união descrita com riqueza de detalhes de uma relação amorosa, indo do Eros ao Ágape. Deus se revela ao homem em uma espécie de êxtase erótico, que naturalmente seduz e atrai as almas dos homens. Essa naturalidade espiritual é comparada com a naturalidade física, emocional e sentimental do homem. A união de Deus com o homem é simbolizada pelas "bodas", isto é, o zênite da vida conjugal. Esta analogia é novamente baseada no parâmetro de amor incondicional dos noivos que, unidos para sempre, devem constituir uma unidade de corpo e alma. Assim, Cristo, o Noivo perfeito e mais amoroso, seduz e atrai para si as almas dos homens. No entanto, para ter essa relação com Deus é necessário vigiar e estar atento para ser digno no tempo e na forma para a chegada inesperada do Noivo após a união. A paradoxal antítese presença-ausência do Noivo revela nosso ser mais profundo: aqueles que em sua ausência mantêm seu amor indelével, incorrupto e intacto, simbolizado pelas lâmpadas, são os dignos da união com ele. A "ausência" temporal do noivo prova nosso amor por Ele. O momento da ausência-presença do noivo revela, por si mesmo, o verdadeiro sentimento da pessoa. Se sua ausência causa imprudência e falta de cuidado, o sentimento não é válido; por outro lado, se produz fervor para a sua chegada e consequente preparação, significa que o sentimento é original e válido... A escolha é nossa!



Fonte: Boletín Servicio del Novio del Domingo y Lunes a la noche 2020
Publicação da Sacra Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires
e Exarcado da América do Sul – Patriarcado Ecumênico
Tradução de Pe. André Sperandio



ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL

===== PATRIARCADO ECUMÊNICO =====



«OFÍCIO DO NOIVO»
NOITES DE TERÇA-FEIRA E
QUARTA-FEIRA SANTAS





Tua câmara nupcial eu contemplo adornada, ó Salvador meu, e não estou vestindo o traje adequado para entrar; faz resplandecer a veste da minha alma, ó Tu que concedes a luz sobre mim, e salva-me!

O Evangelho da Manhã da Santa e Grande Quarta-feira

Evangelho de Jesus Cristo, segundo o Evangelista São João [Jo 12: 17-50].



aquele tempo, quando Lázaro foi chamado da sepultura, a multidão que estava com Jesus testificava que ele o ressuscitara dentre os mortos. Por isso a multidão lhe saiu ao

encontro, porque tinham ouvido que ele fizera este sinal. Disseram, pois, os fariseus entre si: Vedes que nada aproveitais? Eis que toda a gente vai após ele. Ora, havia alguns gregos, entre os que tinham subido a adorar no dia da festa. Estes, pois, dirigiram-se a Filipe, que era de Betsaida da Galiléia, e rogaram-lhe, dizendo: Senhor, queríamos ver a Jesus. Filipe foi dizê-lo a André, e então André e Filipe o disseram a Jesus. E Jesus lhes respondeu, dizendo: É chegada a hora em que o Filho do homem há de ser glorificado. Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto. Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem

neste mundo odeia a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará. Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora. Pai, glorifica o teu nome. Então veio uma voz do céu que dizia: Já o tenho glorificado, e outra vez o glorificarei. Ora, a multidão que ali estava, e que a ouvira, dizia que havia sido um trovão. Outros diziam: Um anjo lhe falou. Respondeu Jesus, e disse: Não veio esta voz por amor de mim, mas por amor de vós. Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim. E dizia isto, significando de que morte havia de morrer. Respondeu-lhe a multidão: Nós temos ouvido da lei, que o Cristo permanece para sempre; e como dizes tu que convém que o Filho do homem seja levantado? Quem é esse Filho do homem? Disse-lhes, pois, Jesus: A luz ainda está convosco por um pouco de tempo. Andai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos apanhem; pois quem anda nas trevas não sabe para onde vai. Enquanto tendes luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz. Estas coisas disse Jesus e, retirando-se, escondeu-se deles. E, ainda que tinha feito tantos sinais diante deles, não criam nele; para que se cumprisse a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu na nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Por isso não podiam crer, então Isaías disse outra vez: Cegou-lhes os olhos, e endureceu-lhes o coração, A fim de que não vejam com os olhos, e compreendam no coração, E se convertam, E eu os cure. Isaías disse isto quando viu a sua glória e falou dele. Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga. Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus. E Jesus clamou, e disse: Quem crê em mim, crê, não

em mim, mas naquele que me enviou. E quem me vê a mim, vê aquele que me enviou. Eu sou a luz que vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas. E se alguém ouvir as minhas palavras, e não crer, eu não o julgo; porque eu vim, não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo. Quem me rejeitar a mim, e não receber as minhas palavras, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado, essa o há de julgar no último dia. Porque eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar. E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai me tem dito».

Kondakion da Grande Quarta-feira-feira

Pequei mais que a pecadora, ó Bom Deus, mas não te ofereci torrentes de lágrimas. Prostro-me agora, diante de Ti, adorando-te em silêncio e beijando com amor teus pés imaculados, a fim de que tu, que és o Senhor, perdoes as minhas culpas, a mim que clamo: «Ó Salvador, tira-me da lama de minhas ações»!

Oikos da Grande Quarta-feira

A mulher, que antes fora adúltera de repente aparece casta, compungida pelos seus atos horribéis do pecado e dos prazeres da carne. Contemplando sua grande vergonha e a condenação aos castigos que padecem os adúlteros e insolentes dos quais eu sou o primeiro; tremo, porém ainda persisto, ignorante que sou, em meus maus hábitos. Mas a mulher adúltera, com temor e tremor, correu para o seu Redentor, clamando: "Salva-me, ó Filantropo, da desonra das minhas obras".

Sinaxarion da Grande e Santa Quarta-feira

No dia da Grande Quarta-feira, os Santos Padres revestidos de Deus instituíram a memória da mulher adúltera que ungiu o Senhor com perfumes, pois que isso se deu pouco tempo antes da Paixão. Quando a mulher adúltera veio a Cristo e derramou os perfumes em Seu Corpo, ela se antecipou prefigurando a mirra com que Nicodemos embalsamou o Corpo de Jesus, no horrível dia de Seu Sepultamento. Porém, Tu, ó Cristo Deus, o Ungido com perfume racional, livra-nos das muitas paixões e tem piedade de nós, porque só Tu és Santo e Filantropo. Amém.

Breve Reflexão



s ofícios matutinos (Matinas) da Grande Quarta e Quinta-feira refletem sobre temas diversos. No entanto, devemos pensar em dois fatos que a hino-logia bizantina clara-

mente contrasta: o arrependimento da Mulher Pecadora e a maquinação traiçoeira de Judas. Ambos encontram Jesus naquela ocasião, mas a Mulher estranha se prostra diante do Senhor a pedir-Lhe a remissão dos seus pecados, enquanto o conhecido discípulo, contemplando o fato, começa a maquirar sua traição contra o Mestre. Enquanto a Pecadora oferece o que de mais caro possui, fruto de suas ações pecaminosas, o Discípulo oferece o que acredita ser o mais sublime! Os hinos mostram claramente a contraposição:

Ó miséria de Judas! Contemplava a pecadora beijando os pés de Jesus, meditando dissimuladamente sobre o beijo traidor; e, enquanto ela desprendia as suas tranças, ele se prendia com sua ira, trazendo, em vez de bálsamo, sua perversidade

maldade, pois o crime não sabe honrar o que realmente deve. Da miséria de Judas, livra-nos, ó Deus nosso!

Por isso é que refletimos sobre o arrependimento da Mulher Pecadora e sobre a condenação de Judas, que, tendo cometido o erro, não pode se arrepender, e por isso é que, revestido de remorso e desespero, ele próprio se julga, se auto impõe a justiça e se enforca. O amor de Deus, no entanto, é muito maior que o crime de Judas; Judas, porém, negou-se a se arrepender. O arrependimento é a prova e a consciência do amor de Deus por nós, e Judas não quis se redimir. Enquanto a Pecadora tudo oferecia para mudar a sua vida, Judas não quis se arrepender.



Kondakion da Quinta-feira Santa

Quando Judas, o pérfido e traidor servo, tomou com suas mãos o pão, secretamente as estendeu para tomar o preço d'Aquele que, com suas mãos criou o homem; e (Judas) permaneceu incorrigível.

Oikos da Grande e Santa Quinta-feira

Com temor, aproximemo-nos todos da Mística Mesa e com almas puras, recebamos o Pão Sagrado e permaneçamos com o Mestre. Observemos como

ele lava os pés dos discípulos e os enxuga com a toalha, e façamos o mesmo, pondo-nos à serviço uns dos outros e lavando os pés uns aos outros; porque o próprio Cristo assim ordenou aos seus discípulos, e se antecipou em fazê-lo ele próprio. Mas Judas, o servo pérfido e traidor não ouviu e permaneceu incorrigível.

Sinaxarion da Grande e Santa Quinta-feira

Nesta Grande Quinta-feira Santa, os Santos Padres, que receberam as Coisas Divinas dos santos Apóstolos e os veneráveis Evangelhos de geração em geração, ordenaram-nos a celebrar quatro eventos: o honorável Lava-pés, a Ceia Mística, a esplendorosa Oração Milagrosa, e a entrega de nosso Senhor ao povo judeu por parte de Judas.

À tarde, após a Ceia, Deus, cujos pés pisaram o Éden, lavou, à noite os pés de seus Discípulos. A Ceia apresenta duplo sentido: a Páscoa da Antiga Lei, e a Nova Páscoa, ou seja, o puríssimo Corpo do Senhor e seu Sangue precioso.

Havias orado, ó Cristo, e foste tomado de tristeza e angústia. E em teu semblante manifestou-se o medo convertendo-se em frescor de sangue, como aquele que teme a aproximação da morte, para enganar o malvado inimigo que sopra o veneno. Que necessidade há de espadas e paus, enganadores do perverso povo, para Aquele que, com ânimo, se apressa para a morte que redimirá o mundo inteiro?

Por tua inefável compaixão, Cristo, nosso Deus, tem piedade de nós. Amém.



Fonte: Boletín Servicio del Novio del Martes y Miércoles a la noche 2020
Publicação da Sacra Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires
e Exarcado da América do Sul – Patriarcado Ecumênico
Tradução de Pe. André Sperandio



ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL
Patriarcado Ecumênico



OFICIO DA SANTA UNÇÃO

Κακοπαθεῖ τις ἐν ὑμῖν; προσευχέεσθω ἐνθυμει̃ τις;
ψαλλέετω. ἄσθενεῖ τις ἐν ὑμῖν; προσκαλεσάσθω τοὺς
πρεσβυτέρους τῆς ἐκκλησίας, καὶ προσενξάσθωσαν ἐπ'
αὐτὸν ἀλείψαντες αὐτὸν ἐλαίῳ ἐν τῷ ὀνόματι τοῦ κυρίου
καὶ ἡ εὐχὴ τῆς πίστεως σώσει τὸν κάμνοντα, καὶ ἐγερεῖ
αὐτὸν ὁ κύριος κἂν ἁμαρτίας ἢ πεποιηκῶς, ἀφεθήσεται
αὐτῷ. ἐξομολογεῖσθε οὖν ἀλλήλοις [ο]τὰς ἁμαρτίας καὶ
[ρ]εῦχεσθε ὑπὲρ ἀλλήλων, ὅπως ἰαθῇτε. πολὺ ἰσχύει δέεσις
δικαίου ἐνεργουμένη. (Ιακ. 5:13-16)



No Novo Testamento, dois textos serviram de base para a instituição do mistério da Santa Unção: o apóstolo Tiago, em sua epístola, aponta que em caso de enfermidade deve-se recorrer à ajuda de Deus e, de acordo com a Santa Tradição, este texto é plenamente compreendido como um mandamento recebido pela Igreja de Cristo: *“Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados”* (Tiago 5:14,15).

O segundo texto das Escrituras que testifica a existência do mistério da Unção nos tempos apostólicos é o Evangelho de São Marcos, que descreve a primeira missão apostólica e seus feitos dizendo: *“E, saindo eles, pregavam que se arrependessem. E expulsavam muitos demônios, e ungiam muitos enfermos com óleo, e os curavam”* (Marcos 6:12,13).

No tempo dos apóstolos e de seus discípulos imediatos, a Divina Liturgia era o coração de todos os rituais e da vida espiritual dos primeiros cristãos. Ao officiar a Liturgia, os cristãos dirigiam ao Senhor todas as suas necessidades, tristezas e alegrias; pedindo a bênção de Deus para a vida matrimonial, orando pelo repouso das almas dos entes falecidos de suas famílias e amigos, pedindo por chuva ou sua cessação, a cura dos enfermos físicos e espirituais, pelos possesores etc.

Os protestantes com F. W. Puller afirmam que este mistério foi introduzido na Igreja apenas no século XII, não reconhecendo sua existência antes disso. Tal equívoco pode ser justificado porque certas denominações cristãs permitem-se pôr em juízo a Santa Tradição. Minuciosos investigadores descobriram que o ofício da Santa Unção foi documentado pela primeira vez no século XII e, por não encontrarem documentos históricos vinculando aquele aos séculos passados, concluíram que a partir do século XII a Unção surgiu como absoluta inovação na Igreja.

Nós, ortodoxos, cremos e sabemos, apoiados no testemunho dos Santos Padres, que o mistério da bênção do óleo, ou da Unção, em geral, sempre existiu na Igreja de Cristo, mas que no início se manifestou de forma mais simples e primitiva. A unção com o Santo Óleo para a cura das enfermidades, a remissão dos pecados e antes da morte é frequentemente lembrada pelos santos orientais e ocidentais da Igreja, e constituía a prática geral do culto.

Alguns Testemunhos Patrísticos

São Hipólito de Roma (200-204), em seu comentário sobre o Livro do Profeta Daniel, dirigindo-se, não àqueles que se preparavam para o batismo, mas aos que pecam depois do batismo, indica o uso do óleo para que se apresente a Deus um corpo incorrupto "para que vocês acendam suas lâmpadas na expectativa do noivo: Cristo". (Parábola das Dez Virgens, São Mateus 25:1-12)

Santo Ireneu de Lyon (140-208?) indica o uso dos santos óleos sobre os fiéis para prepará-los em sua passagem para a vida eterna, para que, vertendo o óleo misturado à água, sua alma não seja aprisionada e dilacerada pelo príncipe deste mundo.

Orígenes de Alexandria (186-254), listando seis formas de lamento por ter pecado, recorda-nos: martírio, misericórdia, perdão absoluto, zelo por Deus, amor de Deus, e as palavras do Apóstolo Tiago: *"Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados"* (Tiago 5:14,15).

Santo Afraat (338), interpretando os mistérios da Igreja, com exceção do matrimônio diz: "O santo óleo, imagem do mistério da vida, é usado pelos sacerdotes em seus ofícios com os cristãos; unge reis e profetas; ilumina os ignorantes, conforta os enfermos e restabelece os contritos.

Santo Óleo ou Extrema-unção?

Infelizmente, as influências do racionalismo protestante e da Escolástica ocidental imprimiram seu pesado selo em toda a nossa tradição teológica ortodoxa, uma marca da qual não conseguimos nos libertarmos até hoje. Através desta corrente, o mistério da Santa Unção começou a ser compreendida quase completamente de acordo com o ensino ocidental como "extrema-unção" - antes da morte, ou como o sacramento administrado em casos de doença terminal. Assim, o antigo costume de oferecê-lo aos fiéis uma vez por ano, durante a Semana Santa, começou a ser negado como se nunca tivesse existido, ou era oficiado apenas nas catedrais pelos bispos, aludindo aos sacerdotes a ideia de que eles ainda não tinham o conhecimento necessário para fazê-lo, como aconteceu na Rússia primitiva. Em razão desse confuso entendimento, ainda se compreende mal e nos referimos da mesma forma à bênção do óleo. No Ocidente durante séculos, a bênção do óleo era vista como "extrema-unção", que em tempos posteriores passou a ser chamada de "sacramento da morte" e, na Idade

Média, aos que o recebiam, era suprimido o direito de fazer seus testamentos por serem considerados pessoas em vias de morte.

Não poderemos sair desse caminho fechado se não tomarmos medidas concretas: temos, pois, de voltar à compreensão dos Santos Padres, na "bênção dos óleos", como um mistério de cura da alma e do corpo pelo arrependimento de nossos pecados que, em geral, são a fonte das enfermidades físicas e da alma. Para que esse pensamento seja afirmado na vida da Igreja contemporânea é essencial voltar à prática de officiar esse mistério para todos os fiéis sempre, a qualquer momento e ocasião, e, claro, durante a Semana Santa, prática santificada pela mais antiga Tradição da Igreja. Promover o uso adequado deste mistério anula o manto de temor posto sobre ele, e vamos aproximá-lo espiritualmente dos fiéis como um meio forte e abençoado por Deus para o renascimento para a vida correta na Verdade.

Todos os nossos ofícios religiosos referem-se às duas forças naturais de nossa alma: à força mental (*nous*) e à força que os Santos Padres chamam de forças dos sentidos ou dos sentimentos (*coração*). A ação do Santo Óleo se dá diretamente na alma e no corpo da pessoa, e é por isso que todas as operações anímicas e corporais são reconstituídas, redirecionadas e reconfiguradas pela ação da divina energia increada e de acordo com a receptividade da pessoa. É por isso que o ofício inclui sete absolvições que são invocadas sobre o povo e têm seu imediato resultado de acordo com o arrependimento dos congregados e a vontade de mudar suas vidas no amor de Cristo. Purificados com a Energia do Espírito nossa mente e nosso coração se tornam capazes de olhar o mundo com olhos clarificados - com os olhos de Deus- que se faz presente em nosso ser misticamente: o sacramento do óleo – εὐχέλαιον – é o sacramento do amor e do perdão, que curam nossas almas e nossos corpos de toda enfermidade.

Fonte: 8-Boletín Santa Unción 2020
Publicação da Sacra Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires
e Exarcado da América do Sul – Patriarcado Ecumênico
Tradução de Pe. André Sperandio





**ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL
Patriarcado Ecumênico**



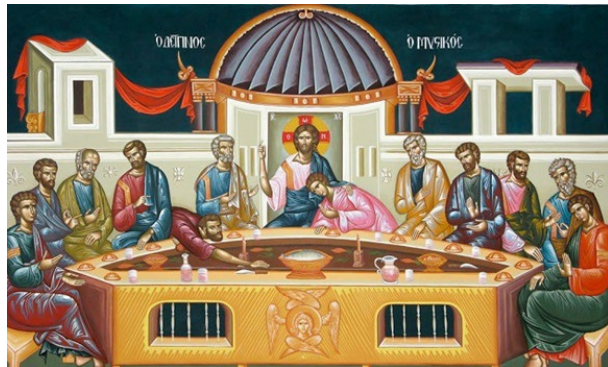
**A DIVINA LITURGIA DE SÃO BASÍLIO
E OS DOZE EVANGELHOS**



A QUINTA-FEIRA SANTA

Thomas Hopko

A vigília da Grande Quinta-Feira Santa é dedicada exclusivamente à Ceia Pascal que Cristo compartilhou com seus doze apóstolos. O tema principal deste dia é a própria Ceia durante a qual Cristo exortou que a Páscoa da Nova Aliança fosse comida em sua memória, de seu Corpo partido e seu Sangue derramado pela remissão dos pecados. A traição de Judas e o Lava-pés dos discípulos por Jesus Cristo também são temas centrais na comemoração litúrgica deste dia.



Durante a vigília da Grande Quinta-feira, é lido o relato da Última Ceia tomado do Evangelho de Lucas. Na Divina Liturgia, a leitura do Evangelho é composta de partes dos relatos dos quatro Evangelistas. Os outros hinos e leituras do dia também se referem a este mesmo e central mistério.

«Enquanto os gloriosos discípulos eram iluminados pelo Lava-pés, o ímpio Judas, enegrecido pelo amor ao dinheiro, vendeu aos indignos juízes o justo Juiz. 'Ó Tu, amante do dinheiro, olha aquele que se enforcou por causa dele! Afasta-te, pois, deste desejo insaciável, de quem ousou realizar uma tal ação contra o Mestre'. Mas Tu, Senhor, bom para todos, glória a Ti!»
(Tropário da Quinta-feira Santa).

Na Quinta-feira Santa, a Divina Liturgia de São Basílio, o Grande, é celebrada juntamente com o Ofício de Véspera. O extenso Evangelho da Última Ceia é lido após as leituras de Êxodo, Jó, Isaías, e o capítulo 11 da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios. Em vez do Hino dos Querubins, no Ofertório da Divina Liturgia (a Grande Entrada), o hino seguinte é cantado, bem como durante e após a Comunhão.



«Recebe-me Senhor neste dia na tua mística Ceia; eu não desvendarei os mistérios aos teus inimigos; eu não te darei um beijo como Judas. Mas como o ladrão arrependido eu te confesso: Lembra-te de mim Senhor, quando entrares no Teu Reino.»

A celebração litúrgica da Ceia do Senhor na Quinta-Feira Santa não é apenas um simples memorial anual da "instituição" do mistério da Santa

Eucaristia. Da mesma forma, o evento da Ceia Pascal não foi um ato de última hora por parte de Jesus para "instituir" o mistério central da Fé Cristã antes de Sua Paixão e Morte. Pelo contrário, toda a missão de Cristo e, até mesmo o próprio escopo da criação do mundo é para que a criatura bem-amada de Deus, feita à sua própria imagem e semelhança, pudesse estar em comunhão mais íntima com Ele por toda a eternidade, participando de sua mesa na eternidade do Reino. Isto é o que Cristo proclama aos seus apóstolos na Ceia, e a todos aqueles que escutam suas palavras e creem n'Ele e no Pai que o enviou.

"Não tenham medo, pequeno rebanho, pois foi do agrado do Pai dar-lhes o Reino". (Lucas 12:32) E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. E eu vos destino o reino, como meu Pai me destinou, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino... (Lucas 22:28-30)

Portanto, podemos realmente dizer que o Corpo partido e o Sangue vertido sobre os quais Jesus fez referência em Sua Última Ceia com os Discípulos não foi meramente uma antecipação dos eventos históricos que estavam por vir. Mas, pelo contrário, era tudo o que haveria de vir – a Cruz, o Sepulcro, a Ressurreição no terceiro dia, a Ascensão ao céu – tudo se deu precisamente para que o ser humano pudesse entrar em comunhão eterna com Deus.

Portanto, a "Ceia Mística do Filho de Deus" que é continuamente celebrada na Divina Liturgia aos domingos e dias de festas é a própria essência do que será a vida no Reino de Deus por toda a eternidade.



«Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus». (Apocalipse 19:9)

Nós, ortodoxos, apoiados no testemunho dos Santos Padres, cremos e sabemos que o mistério da bênção do óleo, ou da Unção, em geral, sempre existiu na Igreja de Cristo, mas que no início se manifestou de forma mais simples. A unção com o Santo Óleo para a cura das enfermidades, a remissão dos pecados e antes da morte é frequentemente lembrada pelos santos orientais e ocidentais da Igreja, e constituía a prática geral do culto.

A SEXTA-FEIRA SANTA

A realização do Ofício de Matinas da Sexta-feira Santa é comumente antecipada para a noite da Quinta-feira Santa. A principal característica deste ofício é a leitura dos 12 textos selecionados dos Santos Evangelhos, relatos da Paixão de Cristo. A primeira dessas doze leituras é extraída de João 13:31 a 18.1. Trata-se do extenso discurso de Jesus com seus discípulos, finalizando com a designada "Oração Sacerdotal". A última das doze leituras é um relato de como a tumba de Cristo foi selada e a disposição de guarda para vigiá-la. (Mateus 27, 62-66)

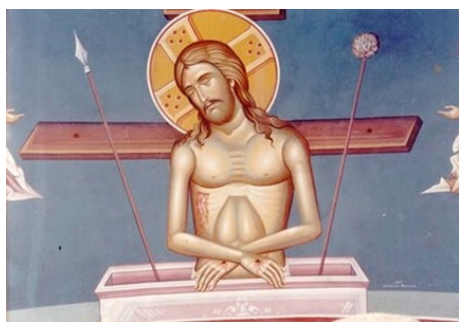


Estas doze leituras dos Evangelhos sobre a Paixão de Cristo são recitadas durante o Ofício de Matinas, que são intercalados pela entonação de diferentes hinos e salmos. Toda a hinologia está relacionada aos sofrimentos de Cristo e se fundamenta, em grande parte, em textos evangélicos, nos escritos proféticos e salmos. Após a leitura do quinto Evangelho, o sacerdote carrega a Cruz em uma procissão solene ao redor do templo, enquanto proclama o hino:

«Hoje foi elevado sobre um madeiro Aquele que levantou a terra sobre as águas...»

A cruz é colocada no meio do templo, adornada com coroas de flores e velas, para que os fiéis a venerem. É o momento mais alto da solenidade. A cruz permanece ali até a celebração de Vésperas, cantada na manhã da Sexta-feira.

Após a leitura do sexto Evangelho, são cantadas as Bem-aventuranças (Mateus 5), com ênfase especial na salvação concedida ao bom ladrão que foi reconhecido no Reino de Cristo.



Na Sexta-feira Santa pela manhã, são celebradas as Horas Reais (Primeira, Terceira, Sexta e Nona), relendo-se os relatos dos Evangelhos da Paixão de Cristo, as leituras das Profecias do Antigo Testamento sobre a redenção do homem e as Cartas de São Paulo sobre a sua salvação pelos sofrimentos de Cristo. Os Salmos lidos neste contexto também são proféticos (p. ex.: 2, 5, 22, 109, 139 etc.). Neste ofício, é feita a "Descida" do crucificado da cruz e depositado em seu túmulo (Epitáfio), onde permanecerá até a noite em que a Igreja cantará os lamentos fúnebres ou *Encômios*.

Vale ressaltar que a Divina Liturgia não é celebrada na Sexta-feira Santa pela mesma razão que não deve haver Celebração Eucarística nos dias de jejum da Grande Quaresma



Fonte: 9-Boletín Divina Liturgia de San Basilio y Los Doce Evangelios 2020
Publicação da Sacra Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires
e Exarcado da América do Sul – Patriarcado Ecumênico
Tradução de Pe. André Sperandio



**ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL
Patriarcado Ecumênico**



**A DESCIDA DA CRUZ E AS LAMENTAÇÕES
(ENCÔMIOS) A NOSSO SENHOR**



A DESCIDA DA CRUZ

Ἡ ἀποκαθήλωσις



O Sábado Santo, na Igreja Ortodoxa, é chamado de Sábado Bendito; e o primeiro ofício deste dia, que é celebrado na Sexta-feira Santa pela manhã, após a leitura das Grandes Horas, é o ofício de Vésperas da Sexta-Feira Santa que lembra o sepultamento de Cristo.

Antes do início do ofício, um ícone em tela/tecido é posto sobre o altar, representando Cristo que jaz, depois de ter sido descido da cruz. Este ícone é chamado de "Epitáfio"¹. Como de costume, o Ofício de Vésperas tem início com hinos sobre os sofrimentos e a morte de Cristo. Após a entrada com o Livro dos Evangelhos, são lidas leituras dos livros de Êxodo, Jó e Isaías (52:13-54,1). Em seguida, lê-se a Epístola da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (I Cor 1,18-31).

O *Prokimenon* e os versos do *Aleluia* são de caráter profético:

Repartem entre si, as minhas vestes, e sobre a minha túnica tiram sorte
(Salmo 21 [22]:19) *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*
(Salmo 21 [22]:2)

Em seguida é feita a leitura do Evangelho, com uma seleção tomada dos quatro Evangelistas com os relatos da crucificação e sepultamento de Jesus. Durante a leitura do Evangelho, no trecho em que José de Arimatéia desce o corpo de Jesus da Cruz, o sacerdote retira o ícone de Cristo da cruz que está no meio da igreja desde a noite anterior, envolve-o em um lençol branco e o traslada para o altar. A cruz permanecerá sem o Crucificado até a festa da Ascensão do Senhor.

Segue com mais hinos que honram a morte de Cristo; enquanto o coro canta a hino de Simeão, o sacerdote, revestido de paramentos de cor escura, incensa o Epitáfio, que se encontra ainda sobre o altar. Logo depois do Pai-Nosso, enquanto é cantado o tropário do dia, o sacerdote caminha ao redor do altar carregando o epitáfio sobre sua cabeça, deixa o santuário em procissão solene e o deposita em uma mesa em forma de sepulcro (*koubouklion*) disposta na nave do templo e decorada com flores, simbolizando o túmulo de Nosso Senhor Jesus Cristo. O *epitáfio* é reverentemente posto ali para a veneração dos fiéis. Entretanto, o coro canta:

O Nobre José, tendo descido da cruz teu puríssimo Corpo, ungiu-o com aromas, envolveu-o em um lençol fino e, com cuidado, depositou-o em um sepulcro novo (Tropário da Sexta-feira Santa).

¹ Tecido precioso, ricamente bordado, sobre o qual está representada a cena do sepultamento do Senhor.

MATINAS DO GRANDE SÁBADO: AS LAMENTAÇÕES – OU ENCÔMIOS

Thomas Hopko

O ofício de Matinas do Sábado Santo é ordinariamente antecipado para a noite de sexta-feira. Quando os fiéis chegam à igreja, o epitáfio é encontrado no meio da nave, no simbólico túmulo. O ofício começa de forma usual, com a entonação de "Deus, o Senhor...", e o tropário "O Nobre José...", seguindo com os seguintes tropários:

Quando desceste à morte, ó Vida Imortal, aniquilaste o Inferno com o esplendor de tua Divindade. E quando ressuscitaste os mortos das profundezas da terra, todos os poderes celestiais, ó Doador da vida, clamaram a Ti: Glória à tua Ressurreição, ó Cristo! Glória ao teu Domínio! Glória ao teu plano salvífico, ó Filantropo!

O Anjo ao lado da tumba disse às Miróforas: a mirra convém aos mortos, mas Cristo se mostrou livre de toda a corrupção.

Em vez da leitura usual dos *Kathismas*, são cantados três conjuntos de versículos que louvam o Senhor Crucificado. Esses versículos são conhecidos como *As Lamentações* ou *Louvores Fúnebres*, ou *Encômios*, e são uma sublime amostra da poesia e teologia bizantinas. Alguns de seus textos são reverentemente cantados diante do Epitáfio de Cristo. Todos os seus versos, embora fazendo referência à temível Paixão de Cristo, refletem, ao mesmo tempo, a certeza e a alegria da Ressurreição. Os textos glorificam a Deus como "Vida e Ressurreição", e se maravilham ante sua humilde condescendência até a morte. Na pessoa de Jesus Cristo, encontram-se a perfeita união do amor perfeito do ser humano para com Deus e o amor perfeito de Deus pelo ser humano. É esse amor divino-humano que é contemplado e louvado diante do túmulo do Salvador.

O templo é iluminado pela luz das velas que os fiéis trazem em suas mãos, e a primeira proclamação das mulheres que vieram cedo ao túmulo em busca do corpo de Cristo ressoa na congregação.

"As mulheres Miróforas vieram ao amanhecer à tumba para perfumar seu corpo."

O sacerdote borrifa a congregação e todo o templo com água de rosas, enquanto é cantada esta primeira proclamação da Boa Nova da salvação alcançada pela Ressurreição de Cristo.

Os hinos do Cânone de Matinas seguem louvando a vitória de Cristo sobre a morte através de sua própria morte, e se valem de cada um dos cânticos do Antigo Testamento como uma imagem que prefigura a salvação do homem através de Cristo. Aqui, pela primeira vez, o significado deste Sábado é evidenciado - em particular, este sábado em que Cristo jazia morto e inânime - é

o sétimo dia mais bendito de todos. Este é o dia em que Cristo descansa de toda a sua obra da recriação do mundo. Este é o dia em que o Verbo de Deus "por quem tudo foi feito" (Jo 1:3) repousa como um homem morto na tumba, para a salvação do mundo que Ele criou, e para a ressurreição dos mortos.

Após a entonação de alguns hinos de louvor, o sacerdote novamente incensa o túmulo de Cristo (Epitáfio), enquanto o coro canta a *Grande Doxologia*. Segue então com o canto do *Trisagion* e, estando todos os presentes portando suas velas acesas, saem em procissão da Igreja. Quatro membros da congregação carregam o Epitáfio sobre a cabeça do sacerdote, que, por sua vez, leva o livro dos santos Evangelhos em suas mãos. O cortejo segue até o exterior do templo e testemunha a vitória total de Cristo sobre os poderes das trevas e da morte. Todo o universo é purificado, redimido e restaurado.

À medida que a procissão retorna ao templo, novamente são cantados os tropários do dia, e a profecia de Ezequiel sobre os "ossos secos" de Israel é lida com grande solenidade. Em seguida, cantam-se os versículos do salmo que clama a Deus para que se levante, erga suas mãos e disperse seus inimigos, enquanto os justos exultarão (Sl 67 [68]: 2-4). Em seguida, lê-se a epístola de São Paulo aos Coríntios (I Cor 5:6-8). E o Ofício é concluído com a leitura do Evangelho, que narra como o túmulo de Cristo foi selado, e com as orações habituais de intercessão e bênção final.

Estes ofícios de Vésperas e Matinas do bendito Sábado, juntamente com a Divina Liturgia que é celebrada na sequência (manhã de Sábado Santo) são, na verdade, uma obra-prima da tradição litúrgica ortodoxa. Não são, de maneira nenhuma, simples recriação dramática da morte histórica e do sepultamento de Cristo. Tampouco, uma espécie de reprodução ritual de algumas cenas dos Evangelhos. São, mais propriamente, a penetração mais profunda, espiritual e litúrgica, no significado eterno dos eventos salvíficos de Cristo, contemplados e glorificados desde já, com pleno conhecimento de seu significado e poder divinos. A Igreja não se mostra desconhecidora do que irá suceder com Jesus crucificado, mas está perfeitamente ciente de que ela é o fruto que nasce do lado perfurado de Cristo e das profundezas de seu túmulo. Tampouco, lamenta inutilmente sua Crucifixão e sua Morte. Através de todos os ofícios, a vitória de Cristo e a sua gloriosa Ressurreição são contempladas e proclamadas. Pois, é somente à luz da sua vitoriosa Ressurreição que o mais profundo significado divino e eterno dos eventos salvíficos da Paixão e Morte de Cristo podem ser verdadeiramente compreendidos, devidamente apreciados, e corretamente glorificados e louvados.



Fonte: 10 - Boletín Descendimiento de la Cruz y Encomios 2020
Publicação da Sacra Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires
e Exarcado da América do Sul – Patriarcado Ecumênico
Tradução de Pe. André Sperandio



ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL
Patriarcado Ecumênico



PÁSCOA 2020

O GRANDE SÁBADO E O
DOMINGO DA RESSURREIÇÃO





A MANHÃ DE SÁBADO

Na manhã do Sábado Santo, o ofício de Vésperas é realizado como de costume, seguindo com a Liturgia de São Basílio. O tropário do dia exclama:

*Desceste das alturas, ó Misericordioso,
e suportaste a sepultura por três dias,
para nos libertar dos sofrimentos.
Senhor, nossa vida e nossa ressurreição,
glória a Ti!*

Acredita-se que este hino tenha sido composto pelos cristãos do primeiro século. Em seguida, lê-se as leituras escolhidas de 15 livros do Antigo Testamento que recolhem os eventos mais surpreendentes e simbólicos que prefiguram o «evento de Cristo» em toda sua dimensão, enfatizando sua Paixão, Morte e, fundamentalmente, sua Ressurreição para libertar o gênero humano. A leitura da Epístola nos assegura que através do batismo somos sepultados com Cristo, para que possamos ser ressuscitados com Ele. Antes da leitura do Evangelho, o cantor, em vez do habitual «Aleluia», canta:

*«Levanta-Te, ó Deus, julga a terra,
pois as nações todas pertencem a Ti».*

O celebrante, revestido de paramentos brancos, espalha folhas de louro por todo o templo, simbolizando a vitória de Cristo sobre os poderes da morte. Este ato é o primeiro anúncio do alegre advento da ressurreição. Após este alegre anúncio, o sacerdote

*«Resplandece, resplandece, ó nova Jerusalém,
pois a Glória do Senhor brilhou sobre ti!
Dança de alegria e rejubila o Sião!
E Tu, Mãe de Deus Toda Pura,
sê exaltada na Ressurreição
d'Aquela a quem deste a luz.»*

*Ó divina, ó amável, ó doce Palavra,
Tu nos prometeste, ó Cristo,
estar conosco até a consumação dos séculos;
E nós, fiéis, retemos esta Palavra
como âncora de nossa esperança
e permanecemos na alegria.*

*Ó Cristo, grande e santíssima Páscoa,
ó Sabedoria, Verbo e poder de Deus,
concede que te comuniquemos
mais intimamente no dia de teu Reino
que não conhece o ocaso.*

lê o Evangelho do dia, tirado de São Mateus (28:1-20), proclamando a vitória triunfal de Cristo sobre a morte e suas palavras de envio aos Apóstolos: «(...) *Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei*». Este mesmo texto é o que é lido na cerimônia do sacramento do Batismo. Assim prossegue a Divina Liturgia, resplandecente como o tema do triunfo de Cristo.

O DOMINGO DA RESSURREIÇÃO

No Grande Domingo de Páscoa, celebramos a Ressurreição vivificadora de Nosso Senhor, Deus e Salvador Jesus Cristo, pois Cristo desceu a Hades para lutar com o inferno, e subiu trazendo com Ele troféus de vitória. Antes da proclamação da Ressurreição de Cristo nos preparamos para o serviço solene da Ressurreição, repetindo o Cânon do Sábado Santo, enquanto o templo permanece no escuro. À meia-noite, a Porta Real (no centro da Iconostase) é aberta. O sacerdote celebrante sai com um círio iluminado e proclama:

*«Vinde! Tomai luz da Luz Eterna.
Vinde! E glorificai o Cristo ressuscitado dos mortos».*

Os fiéis se aproximam para acender suas velas na vela do celebrante, e assim a igreja vai sendo iluminada à medida que a luz da Ressurreição é distribuída. Tem início então a procissão solene que se dirige ao exterior do templo. Todos, portando em suas mãos as velas acesas, em uníssono, entoam este cântico:

*«Os Anjos do Céu, ó Cristo Salvador,
cantam à Tua Ressurreição,
concede a nós que estamos na terra
te glorificar com o coração puro».*

No centro do átrio, o sacerdote dá início ao Ofício de Matinas, próprio da Páscoa. O Evangelho que relata a ida das santas Mulheres ao sepulcro é lido. Depois de glorificar a Santíssima Trindade, o celebrante entoa solenemente o tropário da Ressurreição:

*«Cristo ressuscitou dos mortos.
Pela morte ele venceu a morte.
Aos que estavam no túmulo,
Cristo deu a vida».*

A procissão retorna à Igreja, onde é cantado o Cânon de Páscoa, escrito por São João Damasceno, glorificando a Ressurreição do Senhor. O ofício de Matinas é concluído, e tem início a Divina Liturgia de São João Crisóstomo.

HOMILIA PASCAL DE NOSSO PAI, ENTRE OS SANTOS, SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

Quem tiver piedade e amor a Deus, regale-se nesta gloriosa e brilhante festa; quem for servo bom, entre alegre no gozo de seu Senhor; quem suportou a fadiga do jejum, receba agora a sua remuneração; quem trabalhou desde a primeira hora, receba hoje o seu justo salário; quem veio após a terceira hora, festeje com gratidão; quem chegou após a sexta hora, entre sem hesitar, porque não será castigado; quem atrasou-se até a nona hora, venha sem receio; quem chegou somente na undécima hora, não tenha medo por causa de sua demora, porque o Senhor é generoso, acolhe o último como o primeiro; remunera o operário da undécima hora como o da primeira; cobre um com sua misericórdia e outro com sua graça; a um dá, a outro perdoa; aceita as obras e abençoa a intenção; recompensa o trabalho e louva a boa vontade. Entrai, pois, todos no gozo de nosso Senhor; primeiros e últimos recebei a recompensa; ricos e pobres, alegrai-vos juntos; justos e pecadores, honrai este dia; vós que jejuastes e vós que não jejuastes, regozijai-vos uns com os outros; a mesa é farta, saciai-vos à vontade; o vitelo é gordo, que ninguém se retire com fome; tomai todos parte no banquete da fé; participai todos da abundância da graça; que ninguém se queixe de fome, porque o reino universal foi proclamado; que ninguém chore por causa de seus pecados, porque o perdão jorrou do túmulo; que ninguém tema a morte, porque a morte do Salvador nos libertou a todos. (O Salvador) destruiu a morte, quando a ela se submeteu; despojou o inferno, quando nele desceu; o inferno tocou seu corpo e foi ANIQUILADO. Foi isto que profetizou Isaías, exclamando: “o inferno foi aniquilado e ARRUINADO; aniquilado e MENOSPREZADO, aniquilado e EXECUTADO, aniquilado e ESPOLIADO, aniquilado e SUBJUGADO. Agarrou um corpo e encontrou um Deus; apossou-se da terra e achou-se defronte ao céu; pegou no que viu e caiu donde não viu”. Onde está tua vitória, ó inferno? Onde está o teu aguilhão, ó morte? CRISTO RESSUSCITOU e foste arrasada: CRISTO RESSUSCITOU e os demônios foram vencidos; CRISTO RESSUSCITOU e os anjos rejubilaram-se; CRISTO RESSUSCITOU e a vida foi restituída; CRISTO RESSUSCITOU e não ficou morto nenhum no túmulo, porque Cristo, pela sua ressurreição dos mortos, tornou-se primícias de todos os mortos. A ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.



Fonte: 10 - Boletín Descendimiento de la Cruz y Encomios 2020
Publicação da Sacra Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires
e Exarcado da América do Sul – Patriarcado Ecumênico
Tradução de Pe. André Sperandio